

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Curso de Mestrado Acadêmico em Administração

Cristiane Chaves Caldas

**PRAZER E SOFRIMENTO: Um estudo de caso com pós-graduandos
no curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade de
Belo Horizonte - MG**

Belo Horizonte
2018

Cristiane Chaves Caldas

PRAZER E SOFRIMENTO: Um estudo de caso com pós-graduandos no curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade de Belo Horizonte - MG

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia

Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações

Área de concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte
2018

Composição da banca

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Declaro ter procedido a revisão da dissertação de mestrado intitulada

PRAZER E SOFRIMENTO: UM ESTUDO DE CASO COM PÓS-GRADUANDOS NO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO NA CIDADE DE BELO HORIZONTE - MG

apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico do Centro Universitário Unihorizontes como requisito parcial para obtenção do título de

MESTRA EM ADMINISTRAÇÃO

de autoria de

CRISTIANE CHAVES CALDAS

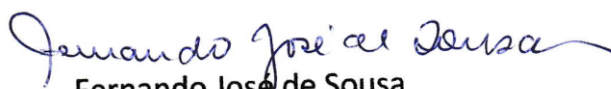
contendo 115 páginas

sob orientação de **Prof. Dr. FERNANDO COUTINHO GARCIA**

ITENS DA REVISÃO:

- Correção gramatical
- Inteligibilidade do texto
- Adequação do vocabulário

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2018



Fernando José de Sousa

REVISOR

Registro: 20710, Livro LR-36 – Decreto nº 5786/2006, Processo 2758814/2014
Licenciado em LETRAS
Centro Universitário de Belo Horizonte
UNI-BH



“RESPEITO: ... é dar espaço para que os outros se expressem sem discriminação ou punições”.

Mário Quintana

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela minha vida, por iluminar meu caminho, por me fazer forte nessa trajetória de medos e incertezas, ao mesmo tempo de perseverança e gratidão.

Aos meus pais, Miguel (*in memoriam*) e Elzi, pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos da vida, por acreditarem na minha capacidade como filha, mulher e profissional.

Aos meus irmãos Mariana, Miguel e Sérgio pelo carinho, pela paciência, pela força. Serginho você fez toda a diferença, obrigada pelas orientações.

Aos meus filhos, Ana Luísa e Guilherme, por existirem na minha vida, por me fazer uma mãe persistente, determinada e comprometida com a educação. Amo muito vocês!

Ao Hideraldo, gratidão, por compreender minhas angústias e ansiedades na realização deste sonho.

Ao Professor Fernando Coutinho, meu anjo, por compreender minhas aflições e angústias e minhas vivências de prazer e sofrimento no momento mais delicado no curso de mestrado. Obrigada por me fazer acreditar na realização desse trabalho e acreditar em mim mesma. Obrigada sempre!

Ao meu amigo Ernane, companheiro de sala, pelo apoio desde o primeiro dia de aula, menino de coração iluminado. Aos amigos Jeanne, Pedro, Ariadna. Aos colegas do mestrado, pela descontração, pelas brincadeiras, pela seriedade nessa estrada tão almejada.

A FAMINAS – BH, principalmente a Luísa Varella, ao professor Everton Reis, Geraldo Lúcio, pela oportunidade da realização desse sonho, por compreender as minhas ausências e acreditar na minha competência profissional. Deus abençoe vocês!

Aos profissionais do Centro Universitário Unihorizontes, Bia, Flávio, Raquel, Silvana, Miriam, Viviane, Silvio, Roberto, que estiveram ao meu lado ao longo de minha formação acadêmica.

Por fim, a todos que participaram desse momento, partilho minha gratidão e alegria, sempre!

“O grande meio de transformar o sofrimento no trabalho em prazer é o reconhecimento. É aquilo que vem em forma de gratidão em relação ao que foi feito”.

Christophe Dejours

RESUMO

O objetivo deste estudo foi identificar e descrever as manifestações de prazer e sofrimento na formação acadêmica do corpo discente, diante das exigências e rotinas impostas ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi realizado um estudo multicaso, de caráter descritivo, com abordagens quantitativa e qualitativa. Foram identificadas 03 instituições privadas credenciadas para oferta do curso, sendo um Centro Universitário e duas Universidades. Na abordagem quantitativa, os dados foram coletados por meio de questionários, utilizando o Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA (adaptado), aplicados a 108 pós-graduandos, o que representa 47% da população pesquisada. Realizou-se a análise das manifestações do prazer e sofrimento dos pós-graduandos em relação ao Custo Humano no Trabalho, Indicadores de Prazer e Sofrimento e Danos Relacionados ao Trabalho. As análises dos dados quantitativos foram realizadas mediante utilização do Pacote Estatístico IBM SPSS *Statistics* e *Minitab*. Em relação à parte qualitativa, os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturada, com 07 pós-graduandos. Os dados foram analisados, utilizando a técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicam a existência real das manifestações de prazer e sofrimento vivenciadas pelos pós-graduandos na formação do mestrado, onde esta experiência envolve satisfação, contentamento, bem-estar, bem como tristeza, inquietação, incerteza, um misto de sentimentos que gravitam ao redor do universo da pós-graduação. Percebeu-se que sentimentos como desejos, afetos, emoções estão presentes na vida acadêmica dos discentes desde o momento de seu ingresso no curso, alinhados a um sentimento de satisfação pessoal e profissional. Observou-se que o relacionamento interpessoal e a convivência com os amigos torna-se fundamental para a saúde psíquica do aluno, gerando bem estar pessoal e prazer nas relações. Os professores são tidos como apoio na execução das tarefas. Todavia, outros sentimentos despertam ao longo da trajetória acadêmica, como desequilíbrio emocional face às pressões do cotidiano acadêmico, angústia, medo, frustração, ou ainda, quando da exigência de melhor empenho para as atividades intelectuais, favorecendo o aparecimento de doenças nos pós-graduandos, marcados pela insegurança ou sentimentos de incapacidade. Observou-se também que, quando da existência de rupturas na relação orientador-orientando, a ocorrência de influências negativas no processo de construção e na qualidade dos trabalhos da pós-graduação, despertando no aluno sentimentos de falta de credibilidade ou de incapacidade. Relatou-se, ademais, que a fadiga, o esgotamento do corpo, o isolamento, as doenças psíquicas e os conflitos familiares estão presentes na vida dos alunos. Como forma de enfrentamento das dificuldades vivenciadas no curso foi enfatizada a fala, a troca de ideias, também a religiosidade e a música. Para os projetos futuros, os pós-graduandos relatam as expectativas de melhores oportunidades de trabalho, melhor qualificação e o desenvolvimento de competências atreladas à carreira. Os pesquisados ainda destacam que a produção acadêmica se transforma em um fim em si mesmo, sem a produção inédita do conhecimento, o que obriga o aluno a uma produção trivial. Por fim, a ambivalência de sentimentos permite reforçar o quanto é satisfatório e prazeroso estar no ambiente acadêmico, tudo em prol do conhecimento do aluno.

Palavras-chave: Prazer. Sofrimento. Psicodinâmica do Trabalho. Produtivismo. Enfrentamento.

ABSTRACT

The objective of this study was to identify and describe the manifestations of pleasure and suffering in the academic formation of the student body, in face of the requirements and routines imposed to the Academic Master 's Degree in Administration, in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. A multivariate, descriptive study was carried out with quantitative and qualitative approaches. Three private institutions accredited for the course offer were identified, being one University Center and two Universities. In the quantitative approach, the data were collected through questionnaires, using the Inventory of Work and Hazards of Adoeness - ITRA (adapted), applied to 108 post-graduate students, representing 47% of the population surveyed. The analysis of the manifestations of the pleasure and suffering of the post-graduates in relation to the Human Cost at Work, Indicators of Pleasure and Suffering and Damages related to the Work were analyzed. Quantitative data analyzes were performed using the IBM SPSS Statistics and Minitab Statistical Package. Regarding the qualitative part, the data were obtained through semi-structured interviews, with 07 post-graduate students. The data were analyzed using the technique of content analysis. The results indicate the real existence of the manifestations of pleasure and suffering experienced by postgraduates in the masters formation, where this experience involves satisfaction, contentment, well-being, as well as sadness, restlessness, uncertainty, a mixture of feelings that gravitate around of the postgraduate universe. It has been noticed that feelings such as desires, affections, emotions are present in the academic life of the students from the moment of their entrance in the course, aligned to a feeling of personal and professional satisfaction. It was observed that the interpersonal relationship and the coexistence with the friends becomes fundamental for the psychic health of the student, generating personal well-being and pleasure in the relationships. Teachers are supported in the execution of tasks. However, other feelings awaken along the academic trajectory, as an emotional imbalance to the pressures of everyday academic, anguish, fear, frustration, or even when the demand for a better commitment to intellectual activities, favoring the appearance of diseases in post-graduate students , marked by insecurity or feelings of disability. It was also observed that when there are ruptures in the guiding-orienting relationship, the occurrence of negative influences in the construction process and in the quality of the postgraduate work, arousing in the student feelings of lack of credibility or incapacity. It was also reported that fatigue, exhaustion of the body, isolation, psychic illnesses and family conflicts are present in the lives of students. As a way of coping with the difficulties experienced in the course was emphasized speech, the exchange of ideas, also religiosity and music. For future projects, post-graduates report on expectations of better job opportunities, better qualifications and the development of career skills. Researchers also point out that academic production becomes an end in itself, without the unprecedented production of knowledge, which forces the student to a trivial production. Finally, the ambivalence of feelings allows us to reinforce how satisfying and pleasant it is to be in the academic environment, all for the benefit of the student's knowledge.

Keywords: Pleasure. Suffering. Psychodynamics of Work. Productivism. Confrontation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento dos cursos de pós-graduação.....	50
Gráfico 2 - Alunos titulados por nível e ano.....	51
Gráfico 3 - Publicação de artigos e livros.....	51
Gráfico 4 - Distribuição dos pesquisados por idade (em anos).....	56
Gráfico 5 - Distribuição dos pesquisados por tempo regulamente matriculado no mestrado.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição dos pesquisados por dados demográficos e tempo regularmente matriculado no mestrado.....	55
Tabela 2 -	Distribuição dos pesquisados por profissão.....	58
Tabela 3 -	Codificação das questões do questionário.....	59
Tabela 4 -	Avaliação da confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados – <i>Alfa de Cronbach</i>	62
Tabela 5 -	Análise descritiva das variáveis.....	63
Tabela 6 -	Avaliação da relação entre as variáveis de interesse e tempo regularmente matriculado no mestrado.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

IES – Instituição de Ensino Superior

IFES – Instituição Federal de Ensino Superior

ITRA – Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial da Saúde

Scielo – *Scientific Electronic Library Online*

SPELL – *Scientific Periodicals Electronic Library*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Objetivos.....	20
1.1.1	Objetivo geral.....	20
1.1.2	Objetivos específicos.....	20
1.2	Justificativa.....	21
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1	Mercado de trabalho e produtividade acadêmica.....	24
2.2	Psicodinâmica do trabalho.....	28
2.3	Vivências de prazer e sofrimento no trabalho.....	31
2.4	Estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho.....	36
2.5	Estudos relacionados ao prazer e sofrimento dos pós-graduandos.....	38
3	METODOLOGIA.....	41
3.1	Tipo, abordagem e método de pesquisa.....	41
3.2	Unidade de análise e de observação.....	42
3.3	População, amostra e sujeitos da pesquisa.....	42
3.4	Coleta de dados.....	43
3.4.1	Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA).....	45
3.5	Análise dos dados.....	46
4	AMBIÊNCIA DA PESQUISA.....	49
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	54
5.1	Dados demográficos, caracterização da amostra – abordagem quantitativa.....	55
5.2	Perfil dos pós-graduandos entrevistados – abordagem qualitativa.....	58
5.3	Avaliação da confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados.....	59
5.4	Avaliação da percepção dos pesquisados a respeito dos construtos de interesse.....	63
5.4.1	Escala de Custo Humano do Trabalho.....	63
5.4.2	Escala Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho.....	68
5.4.3	Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho.....	76
5.5	Avaliação da relação entre as variáveis de interesse e o tempo regularmente matriculado no mestrado.....	79
5.6	Estratégias de enfrentamento do sofrimento mediante a formação acadêmica.....	81
5.7	Projetos futuros com base na experiência do prazer e sofrimento diante desafios na formação acadêmica.....	85
5.8	A produção acadêmica na percepção dos pós-graduandos.....	86

6	CONCLUSÕES.....	90
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICES.....	109

1 INTRODUÇÃO

A aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB) assinala um momento de transição significativo para a educação brasileira, fortalecendo a busca da qualidade total, no sentido de formar cidadãos eficientes, competitivos, líderes, produtivos, rentáveis (CARVALHO, 1998).

Para Gentili (1995), a qualidade somente pode ser conquistada através da flexibilização dos mercados educacionais, ou seja, o próprio sistema educativo precisa começar a funcionar como um mercado. E seguindo esse mercado capitalista, segundo Blanch e Stecher (2009), as Instituições de Ensino Superior (IES) nas suas diferentes formas de organização são pressionadas a contribuir, de maneira ativa, na competitividade da economia, vendo-se obrigadas a comercializar os produtos de suas investigações, a prestar serviços ao mundo privado e a formar profissionais empreendedores.

As IES passaram por um processo de reorganização da produção e do trabalho, ou seja, pela reestruturação produtiva (GENTILI, 1995), o que inclui também a pós-graduação. O novo modelo gerencial é marcado por exigências de metas, produtividade e inovação, que reproduz no âmbito universitário as características próprias do trabalho flexível, impondo uma nova lógica às rotinas acadêmicas em um ambiente competitivo e dinâmico, proporcionando o crescimento do mercado produtivista (ALCADIPANI, 2011a; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2011).

A eficiência e a produtividade são avaliadas em índices de produção de artigos, orientações e projetos para captação de recursos, contribuindo para o acirramento da competitividade e a intensificação da forma de trabalho, que conseqüentemente refletem na prática de estudo do aluno (MANCEBO, 2007). Para isso, a ampliação do uso da tecnologia da informação e de comunicação no contexto de trabalho favorece a agregação de novas tarefas no cotidiano docente-discente e o prolongamento do tempo de trabalho (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Tendo a atividade intelectual, a atividade desenvolvida pelo discente no ambiente acadêmico como sinônimo de trabalho, percebe-se que a formação acadêmica se configura como um espaço de trabalho com exigências cada vez mais pautadas em produtividade, cujos critérios se aproximam do mercado de trabalho, mesclando características da produção capitalista e do fenômeno denominado produtivismo acadêmico. (VALADARES *et al.*, 2014).

O ambiente vivenciado pelo corpo discente, sob a perspectiva do mercado, passa a uma “ênfase exacerbada na produção de grande quantidade de trabalhos com pouca substância, focada no fazer o máximo com pouco conteúdo e, conseqüente, a valorização da quantidade sobre a qualidade” (ALCADIPANI, 2011a, p. 1174).

Faria e Meneghetti (2010, p. 14) revelam que a consolidação da indústria do ensino faz das universidades fábricas da mercadoria “conhecimento”. Pesquisas se efetivam como linhas de produção, gerando o produto ensino. Toda a estrutura burocrática da universidade se assemelha à de uma fábrica ou à de uma indústria. Nessa mesma direção, Godoi e Xavier (2012, p. 458) apontam que a produção em massa de artigos passa a seguir um “ciclo anômalo que mantém o fenômeno produtivista pela caracterização de sua dimensão mais importante do principal produto acadêmico entregue à sociedade: o conhecimento científico”.

Essas modificações nos princípios e na estrutura das universidades transformam-na em uma organização de mercado, que contribui para as vivências de prazer e de sofrimento (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011). Para Mendes e Muller (2013) um não exclui o outro. Prazer e sofrimento pode ser o resultado da história do sujeito inserido na organização do trabalho, isto é, no sistema hierárquico, e o prazer é resultante da vitória sobre a resistência no trabalho.

Toledo e Guerra (2009) ressaltam que o prazer é resultante do funcionamento equilibrado e coerente do indivíduo, em seus aspectos físico e psicológico. É também a capacidade renovada de saber se adaptar às situações mutáveis do cotidiano, sem se sentir aflito. O prazer é parte fundamental na constituição do sujeito, na formação do ego e nos mecanismos de defesas individuais e coletivos para lidar com o sofrimento. O prazer está sempre inacabado, inserido num jogo de

renúncia, desejo e gratificação, que uma vez terminado será substituído por novas batalhas (MENDES; MULLER, 2013).

Sentir-se motivado no trabalho é importante, pois é por intermédio destes mecanismos que a instituição consegue fazer com que o empregado trabalhe melhor, sentindo-se bem e seguro, obtendo prazer na realização de suas atividades. Por consequência, consegue extrair dele uma produção maior e de mais qualidade, o que contribui para o progresso pessoal do sujeito e sua maior imersão na organização (FERREIRA; MENDES 2003).

Todavia, os reflexos da reestruturação produtiva nas universidades, como prazos para cumprimento de metas, entrega de produções acadêmicas e pressão comum ao setor, favorecem registros de depressão, ansiedade, interrupção de atividades e uso de remédios para transtornos mentais. O adoecimento do pós-graduando tem sido uma resposta às pressões e desafios vivenciados no meio acadêmico, através das tensões enfrentadas com dor e sofrimento (LOPES, 2017).

Para Alcadipani (2011b) a produção acadêmica se transformou em sinônimo de fazer pontos. Não é incomum pesquisadores produzirem cinco ou seis artigos em um mesmo ano. Não é incomum alunos serem coagidos a colocar o nome de orientadores em artigos e trabalhos que foram lidos pelo orientador. Na lógica da academia produtivista, o tempo é deixado de lado, a formação de alunos é escamoteada e o desenvolvimento intelectual se torna superficial (ALCADIPANI, 2011b).

O produtivismo ou a produção em grande escala de trabalhos científicos cresceu consideravelmente, impulsionado, ora pelas exigências governamentais e pelos órgãos de fomento à pesquisa, ora via busca por delimitações de territórios e conquistas pessoais. Este fenômeno se faz presente em nível de programas de mestrado, doutorado e também na prática de docentes. Portanto, é possível perceber que a necessidade de produção de artigos influencia toda a academia e o retrato disso é a produção de *commodities* acadêmicas (GODOI; XAVIER, 2012).

Destaca-se que os professores também são pressionados pelos indicadores quantitativos de produção através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que por sua vez, transfere a responsabilidade da produção ao aluno, exigindo trabalhos de qualidade, cumprimento dos prazos estabelecidos, com ênfase na quantidade (LEITE FILHO; MARTINS, 2006).

Para Godoi e Xavier (2012) exige-se dos pós-graduandos a publicação de artigos por quem ainda não tiveram a oportunidade de absorver os conteúdos. É prática de muitos programas de pós-graduação a exigência de um artigo por disciplina cursada, ou mesmo de disciplinas básicas. Se o aluno é brilhante, a pressão é ainda maior, ou seja, em vez de usar seu potencial para formá-lo de maneira mais sólida, a opção é explorá-lo. E, se o aluno deseja fazer uma pesquisa mais detalhada, coletar mais dados em campo, ou complementar seus estudos em estágios de pesquisa em outras universidades, a resposta é o alerta do prazo. A qualidade aqui é negligenciada em prol do indicador tempo (GODOI; XAVIER, 2012).

Reportagens publicadas nos últimos dois anos têm divulgado aos leitores sobre os efeitos psicológicos na formação acadêmica, entre eles o assédio moral e a depressão, que podem estar ligados diretamente ao adoecimento do corpo. Moratto (2017) e Morais (2017) reforçam que exigências por produções científicas estão resultando em sofrimento psicológico e transtornos psiquiátricos em estudantes de pós-graduação.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais 300 milhões de pessoas vivem com depressão, um aumento de mais de 18% entre 2005 e 2015. No Brasil chega-se a atingir 5,8% de pessoas, principalmente entre jovens com 15 e 29 anos (FERNANDES, 2018). Roncolato (2018) aponta que estudantes de pós-graduação têm seis vezes mais chance de enfrentar depressão e ansiedade e o fator externo é acentuado pela cobrança acadêmica, pela presença do assédio moral, pouco dinheiro, exigência para publicar artigos e a incerteza quanto ao futuro profissional. Tudo isso pode levar ao adoecimento, que tem se tornado cada vez mais comum entre os discentes (FERNANDES, 2018).

Esses reflexos diante das exigências do mercado capitalista, segundo Moraes (2017), intensificam as pressões vivenciadas pelos pós-graduandos. Todo esse conjunto afeta particularmente o equilíbrio psíquico e a saúde mental derivados da organização do trabalho (DEJOURS, 1999a).

Nessa perspectiva, a psicodinâmica do trabalho considera que o trabalho, mesmo imaterial, ou seja, “conjunto de atividades corporais, mentais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador” (GRISCI, 2008, p.4), é o lugar tanto de sofrimento quanto de prazer, pois provem da dinâmica das situações surgidas na organização, do contexto em que elas são realizadas e dos relacionamentos interpessoais estabelecidos no trabalho (DEJOURS, 2004).

Desse modo, o trabalho é produto dessa dinâmica, das relações e das ações dos indivíduos (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013), isto é, o sofrimento também pode ser amenizado, a partir do investimento em criatividade. Mas, quando o indivíduo não consegue transformar o sofrimento a partir da criatividade, acaba construindo estratégias defensivas para não sucumbir à doença (MENDES, 2011; MORAES, 2013).

Conforme Moraes (2013), as estratégias de defesa são utilizadas para minimizar a percepção do sofrimento, o que possibilita o indivíduo se manter no plano da normalidade e continuar as atividades da vida profissional e acadêmica. Estas estratégias podem acarretar um grande dispêndio de energia, se utilizadas constantemente, o que gera consequências como enfraquecimento do ego, além de sua alienação da realidade dos problemas vivenciados (MENDES, 1995).

Ressalta-se que a relação aluno orientando e professor orientador no curso de mestrado é prazerosa, porém eventualmente pode resultar em frustração e sofrimento pela ausência de interação, admiração, respeito e empatia entre eles. Essa relação pode nascer de uma ligação marcada por grande entusiasmo do orientando, com existência real de prazer, de satisfação de pertencer ao ambiente, de realização de um sonho e da construção de conhecimento. Com a ausência desta ligação pode-se produzir momentos de dor, angústia, aflição, numa relação que pode se desmoronar com a convivência, quando pontuada por desrespeito,

arrogância e falta de humildade por parte daquele cuja missão é contribuir para a formação de seu educando e com ensino, e para o orientando que se vê sem ajuda e orientação adequadas, gerando sofrimento para a peça fundamental da instituição, o aluno.

Portanto, para este estudo pretende-se responder à seguinte pergunta de pesquisa:

Diante configuração da psicodinâmica, como se dão as manifestações de prazer e sofrimento do aluno no curso de mestrado?

1.1 Objetivos

Apresentam-se a seguir o objetivo geral e os objetivos específicos do presente estudo.

1.1.1 Objetivo geral

Descrever e analisar, diante configuração da psicodinâmica, as manifestações de prazer e sofrimento do aluno no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração, de instituições privadas, na cidade de Belo Horizonte, MG.

1.1.2 Objetivos específicos

Para o alcance do objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar e descrever as principais manifestações de prazer vivenciadas pelos pós-graduandos para a formação no curso de mestrado;
- b) Identificar e descrever as principais fontes de sofrimento para a formação acadêmica dos mestrandos pesquisados;
- c) Identificar e descrever as estratégias de enfrentamento do sofrimento dos pesquisados;
- d) Relacionar dados demográficos, a partir da percepção dos pesquisados, com vivências de prazer e sofrimento durante a trajetória acadêmica.

1.2 Justificativa

O sentido do prazer e sofrimento emerge quando o trabalho cria identidade, possibilita aprender sobre um fazer específico, criar, inovar e desenvolver novas formas para a execução de tarefas, bem como oferecer condições de interagir com os outros através da socialização e transformação no trabalho (MENDES, 2007a). Em outro extremo, sabe-se que a dimensão física e material do trabalho consome energias do corpo, produzindo cansaço físico e esgotamento mental (BISPO; HELAL, 2013).

Dessa maneira, esta pesquisa se justifica por três motivos: o acadêmico, o institucional e o social. Do ponto de vista acadêmico, o estudo se mostra relevante por ampliar as pesquisas sobre Prazer e Sofrimento do pós-graduando no Trabalho Intelectual, uma vez que existem poucos registros da temática abordada nas plataformas de pesquisa. Ressalta-se, também, que os poucos trabalhos publicados não são recentes e grande parte dos autores citados trazem reflexões sobre a saúde do trabalhador em geral.

Portanto, realizou-se um estudo bibliométrico, com o objetivo de levantar a literatura sobre o tema “prazer e sofrimento dos pós-graduandos”. Em busca realizada no site da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), em abril de 2018, referente a artigos publicados em congressos, considerando os últimos 06 anos, obteve-se um retorno de 19 artigos relacionados ao tema, e ao refinar a pesquisa para “prazer e sofrimento de acadêmicos”, apenas um artigo foi obtido, intitulado como “Afiml, você também trabalha? Reflexões sobre o não trabalho no ambiente da pós-graduação em Administração”.

Tendo a base *Scientific Periodicals Electronic Library – Spell*, como referência os anos de 2008 a 2017, ao se pesquisar em abril de 2018, em título do documento “prazer e sofrimento”, houve retorno de 14 artigos. Quando a pesquisa foi refinada, apenas um documento foi encontrado, sendo “A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: um estudo com mestrados em Administração”.

Já na base da *Scientific Electronic Library Online – Scielo*, fazendo uma busca de prazer e sofrimento em todos os índices, referente aos anos de 2008 a 2017, foram retornados 75 resultados. Ao pesquisar o tema “prazer e sofrimento de acadêmicos”, não foram encontrados documentos para a pesquisa.

Logo, torna-se oportuno pesquisar a temática para contribuir e fomentar pesquisas, no sentido de aprofundar e compreender a respeito do trabalho intelectual desenvolvido pelos discentes, e, considerando a importância da formação acadêmica dos pós-graduandos, torna-se necessária a reflexão sobre a exigência da qualidade e quantidade de atividades vivenciadas por eles.

Do ponto de vista institucional, estudos relacionados ao prazer e ao sofrimento, mostram que a atividade acadêmica pode ser prazerosa, desde que as condições e ambiente onde ela é realizada sejam adequados e que exista compatibilidade entre as exigências e a capacidade do aluno.

Mediante este contexto e diante dos desafios impostos para a formação acadêmica dos pós-graduandos, o estudo do tema pode trazer contribuições para as instituições que ofertam o Programa de Mestrado Acadêmico em Administração, para o questionamento do modelo prescrito e as consequências para o adoecimento dos discentes ali inseridos, bem como os sentimentos por eles experimentados.

A intenção é estimular a discussão e a reflexão das possíveis manifestações de prazer e sofrimento na formação do curso de mestrado, a fim de buscar alternativas que favoreçam ambiente adequado para o desenvolvimento intelectual como também do trabalho.

Como relevância social, destaca-se o interesse em ampliar e divulgar para a sociedade estudos sobre as condições na formação dos pós-graduandos. As instituições de ensino superior (IES) precisam estar atentas sobre o impacto das atuais condições acadêmicas de trabalho na saúde mental, sendo que estas exigências têm deixado os estudantes de pós-graduação em condições de estresse físico e mental.

O incentivo a uma cultura produtivista e quantitativa acarreta implicações na vida de todos os pós-graduandos. Nesse ambiente acadêmico existem aqueles que conseguem cursar as disciplinas, lecionar e produzir os artigos científicos. No entanto, aqueles que não conseguem absorver conteúdos são prejudicados emocionalmente e até passam por turbulências nos relacionamentos sociais e afetivos (VALADARES *et al.*, 2014).

O prazer, bem como o sofrimento, interfere no trabalho e na vida pessoal dos indivíduos e os discentes precisam exercer esta função com competência e motivação, a fim de alcançar êxito naquilo a que se propuseram a fazer.

Por fim, a dissertação está estruturada em seis capítulos, considerando esta introdução como o primeiro deles. No capítulo dois, apresenta-se o referencial teórico que embasará todo o trabalho. No capítulo três, são apresentados os aspectos metodológicos que norteiam a pesquisa. No quatro, encontra-se a ambiência da pesquisa. O capítulo cinco se desenvolve da seguinte forma: apresentação e análise dos dados, de acordo com as duas abordagens utilizadas: quantitativa e qualitativa. No capítulo seis, formulam-se as conclusões, seguidas de referências e seção de apêndices com o termo de esclarecimento (apêndice A), o questionário (apêndice B) e o roteiro de entrevista (apêndice C).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a revisão de literatura, relacionando o fazer acadêmico frente a um ambiente competitivo e dinâmico do mercado de trabalho, marcado por exigências de metas, produtividade e inovação que, por muitas vezes, o pós-graduando não tem conhecimento, ocasionando ora o prazer, ora o sofrimento nessa psicodinâmica do trabalho na academia.

2.1 Mercado de trabalho e produtivismo acadêmico

As últimas décadas têm revelado constantes mudanças no mundo. Com o advento da globalização, observa-se a necessidade das pessoas se reestruturarem diariamente para se adaptarem à nova realidade. Essas transições ocasionaram transformações no mercado de trabalho, que passou a necessitar de mão de obra cada vez mais especializada (ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

Para Silva (2002) o trabalhador precisa ter competência técnica, capacidade de decisão, comunicação oral e escrita e ser considerado trabalhador do conhecimento, capaz de usar o conhecimento para melhorar a produtividade e gerar inovações.

O mercado de trabalho foca na concorrência e, diante disso, é preciso que o profissional desenvolva conhecimentos e habilidades diferenciadas para se tornar competitivo. Para Malschitzck (2012), o conhecimento deve ser atualizado sistematicamente, bem como a capacidade de desempenho, e estes irão atender às exigências de relacionamento nas organizações.

Esse novo modelo de mercado influenciou diversas áreas, inclusive a educação, que, a partir da metade do século XX, passa a ser vista sob a determinação das condições de funcionamento do mercado capitalista, ou seja, passa a ser concebida como dotada de valor econômico próprio e considerada um bem de produção (SAVIANI, 2002).

Esse cenário, associado à pós-graduação *stricto sensu* e aos cursos de mestrado e doutorado, cujos meios de regulação e controle se realizam pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), propicia um ambiente em que a produção se desdobra, contribuindo para exacerbar a competitividade, corromper o princípio da livre reflexão e transformar o processo de conhecimento em mercadoria, limitando-o a produtos de desempenho e padrões de qualidade (ROSA, 2008; MOREIRA, 2009).

Isto é, o ambiente da pós-graduação converge para a lógica presente no mercado. A produção científica no meio acadêmico está sendo levada a uma exorbitante competitividade entre os pesquisadores (MÉIS *et al.*, 2003). Observa-se, cada vez mais, segundo Alcadipani (2011b), que a produção acadêmica se aproxima do trabalho proletariado, que se alimenta de índices produtivistas e precarização do espaço social.

Cabe destacar que o processo de construção do conhecimento não é uma atividade isolada. Ele necessita da interação entre os sujeitos professor e aluno ou, ainda, orientador e orientando. Os professores e pesquisadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas, ricas em detalhes com os orientandos, e desta convivência resultam produções acadêmicas que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área (LEITE FILHO; MARTINS, 2006).

Entretanto, a educação vem se transformando em um mercado produtivista, preocupado em medir a produção intelectual por números, pela quantidade de produção acadêmica, melhor dizendo, o capital intelectual parece cada vez mais esquecido em virtude da pressa em produzir resultados rápidos, criando o chamado produtivismo acadêmico (ALCADIPANI, 2011a; FREITAS, 2011).

O produtivismo acadêmico originou-se nos anos 1950 nos Estados Unidos e se tornou mundialmente conhecido pela expressão "*public or perish*", (publique ou pereça). Professores, pesquisadores universitários, alunos aqui inseridos, bem como os docentes orientadores que não publicam seus artigos, de acordo com os parâmetros postos como ideais pelos órgãos financiadores, pela burocracia

universitária ou pelo mercado, têm sua carreira comprometida (FONSECA, 2001; NASCIMENTO, 2010; SGUISSARDI, 2010).

O termo também é conhecido como performatividade acadêmica, que remete a uma ênfase exagerada na produção em grande quantidade de algo com pouca substância (ALCADIPANI, 2011a). Ou ainda, a supervalorização da produtividade acadêmica tem gerado um descaso com a qualidade do que se produz, contribuindo com a falta de compromisso com o avanço e o aprofundamento do conhecimento, (FREITAS, 2011).

A pressão por produtividade e a diminuição dos tempos para mensuração dos resultados constitui mecanismos de constrangimento (ALCADIPANI, 2011a), onde o produto final da pesquisa científica, a publicação, se transforma em um fim em si mesmo e não em um resultado decorrente do processo de produção de conhecimento (PATRUS; DANTAS, SHIGAKI, 2015).

A pressão pela publicação tem, portanto, gerado a busca de subterfúgios que, em alguns casos, tensionam o que seria eticamente aceitável. E, para além desse problema, algo muito mais generalizado, talvez mais deletério para a própria ciência, é a proliferação de pesquisas reiterativas, que não correm maiores riscos, que não buscam a originalidade (CAMARGO JR, 2014).

Dessa forma, existe a necessidade de maior empenho por parte do indivíduo. A análise da intensidade do trabalho intelectual está voltada para resultados e essa intensificação garante resultados quantitativamente superiores (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013). Essa exacerbação do trabalho ligada a um forte crescimento da produção, nem sempre de caráter qualitativo, pode gerar consequências graves, com níveis altos de estresse, depressão, ansiedade e outros transtornos para aqueles que optam por seguir a carreira acadêmica (MORAIS, 2017).

As instituições de ensino deixaram de ser vistas como instituições responsáveis pela construção e socialização do conhecimento, passando a ser consideradas uma “empresa”, como um “serviço” a mais, e a qualidade foi substituída pela produtividade, e o saber pelo custo/ benefício (RODRIGUEZ; MARTINS, 2005).

Luz (2005) reforça que o produtivismo acadêmico tornou-se referência de toda a comunidade acadêmica, onde ser produtivo é fundamental para ampliar e otimizar o tempo de trabalho. Como consequência, é possível observar a sobrecarga de trabalho provocada pelas exigências dos órgãos avaliadores, como a Capes, para os quais, quanto mais produtos publicados, maior a produtividade.

Para Moreira (2009), essa constante pressão decorrente de uma rotina inflexível dos critérios da avaliação da Capes, atormenta os docentes da pós-graduação e, conseqüentemente, os pós-graduandos ali inseridos, incitando-os a serem produtivos, em termos quantitativos, e a publicarem, com frequência e em veículos qualificados, os produtos das pesquisas realizadas. Quanto maior o conceito do programa em que se atua, maior deve ser o número de publicações. Qualquer diminuição acarreta substantiva perda de prestígio e de recursos na alucinante corrida para se chegar “ao topo”, para atingir o tão invejado “padrão internacional”.

De acordo com Leite Filho e Martins (2006) para que este processo seja produtivo, é necessário que orientadores e orientandos conheçam as suas prerrogativas, edificando, através de um relacionamento construtivo, o espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos. Nessa perspectiva, amplia-se o papel da orientação que está além da elaboração do trabalho final e passa a estar vinculada à visão do orientador como conselheiro e mentor acadêmico (GARDNER; BARNES, 2014).

Porém aqui, o valor acadêmico é subsidiado pela quantidade de produção acadêmica, pelo acúmulo de pesquisas que, muitas vezes, apresentam pouca importância e originalidade, em detrimento da qualidade, rigor e relevância. Além disso, o produtivismo acadêmico impacta toda a vida humana a ela associada (ALCADIPANI, 2011a).

Enfim, destaca-se que a pesquisa relacionada ao mercado de trabalho é um investimento social e seu compromisso é produzir e elevar o conhecimento para a melhoria da vida individual e coletiva em suas múltiplas dimensões e interfaces, ou seja, o conhecimento acumulado é moralmente responsável frente à vida e à sociedade (FREITAS, 2011).

2.2 Psicodinâmica do trabalho

A psicodinâmica do trabalho, inicialmente denominada psicopatologia do trabalho, é uma abordagem científica, desenvolvida na França na década de 1980, por Christophe Dejours, médico francês, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

Em outras palavras, a psicodinâmica do trabalho busca compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir das relações e da organização do trabalho. Busca estudar os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores ao longo do processo produtivo, tais como: mecanismos de cooperação, reconhecimento, sofrimento, mobilização da inteligência, vontade e motivação e estratégias defensivas que se desenvolvem e se estabelecem a partir das situações de trabalho (DEJOURS, 1992).

A escola Dejouriana é de suma importância para a compreensão da carga psíquica sobre o trabalho. Pela concepção de Dejours (2004) é possível compreender que o trabalhador não se configura como um organismo mecânico, ele possui uma história pessoal marcada por suas aspirações, desejos, motivações, necessidades psicológicas que constituem toda sua história. O trabalhador, assim, em razão da sua construção histórica, “dispõe de vias de descarga preferenciais que não são as mesmas para todos e que participam da formação daquilo que denominamos estrutura da personalidade” (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p. 24).

A psicodinâmica do trabalho, segundo Martins e Oliveira (2006, p. 122), “procura conhecer o que o trabalho significa para o trabalhador, sua importância em questão de valores, expectativas e trajetória existencial de cada um”. Lancman e Sznelwar (2004) consideram o trabalho um fator ambíguo, pois pode ser tanto fonte de prazer, de desenvolvimento humano, de objetivação da inteligência e de exercício da criatividade, como fonte de sofrimento e de adoecimento, ao se tornar meio pelo qual o trabalhador confronta suas necessidades e desejos com as exigências e as imposições da organização do trabalho.

Nessa direção, mudanças que ocorrem nessa organização, bem como no mundo acadêmico, provocam transformações na vida de todos ali inseridos, obrigando-os a rapidamente se adaptar, existência de períodos de transição curtos com relação à tecnologia, aos equipamentos, aos conhecimentos e às competências desenvolvidas (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013).

A psicodinâmica do trabalho possibilita uma compreensão sobre a subjetividade do trabalho, ou seja, trabalhar não é somente produzir; é, também, transformar a si mesmo. É uma ocasião oferecida para se testar, para se realizar. A psicodinâmica encontra interesse particular no estudo sobre o prazer, ligado a autonomia, liberdade, reconhecimento, identidade, sublimação e principalmente no processo criativo, mas também sofrimento, ligado à falta de reconhecimento, sobrecarga de tarefas e na patologia da solidão (DEJOURS, 2004).

Dejours (2004) define o trabalho a partir do olhar clínico como aquilo que implica no ponto de vista humano. Trabalhar compreende gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações. É o poder de sentir, de pensar e de inventar. O trabalho envolve não só a razão, mas também desejos, afetos e emoções que estão relacionados com algo que não está estabelecido, normalizado e apaziguado. O trabalho seria um esforço para superar o não prescrito, uma construção constante, que acrescente algo àquilo que não se previu e que está em constante negociação entre o desejo e o real (SZNELWAR; UCHIDA; LANCMAN, 2011).

O trabalho é circunstância para que o ser humano exerça sua condição social, e interaja tanto com seus pares como com a natureza. Figueiredo (2012, p. 31) relata que “através dessa interação radical, existe um processo de transformação constante e recíproco, em que o homem, ao provocar alterações e mudanças na natureza, altera também sua própria natureza humana”.

Entretanto, não é somente contribuir para o desenvolvimento em sociedade. Estão presentes também, no processo do trabalho, as mais distintas formas de precarização, provenientes do lucro empresarial, a flexibilização do trabalho, a divisão cada vez maior das especialidades, a rápida obsolescência das

competências, das técnicas e dos equipamentos, tornando o trabalhador uma peça irrelevante no meio organizacional (ANTUNES, 2009; FIGUEREDO, 2012; FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013).

A psicodinâmica considera que elementos da organização do trabalho, tais como divisão e padronização de tarefas, rigidez hierárquica, baixo envolvimento na tomada de decisões, pouca liberdade criativa, subutilização de competência técnica e ausência de reconhecimento estão entre os principais elementos que impactam a saúde psíquica do trabalhador (DEJOURS, 2008).

Sugere-se também que as condições de trabalho, como as condições físicas, químicas e biológicas do ambiente laboral, têm reflexo sobre o físico do trabalhador. Desta maneira, quando a organização do trabalho se mostra desfavorável ao exercício funcional, o trabalhador pode experimentar o sofrimento. Caso contrário, se a organização oferecer condições para que o trabalhador equilibre suas necessidades com as exigências da atividade que desenvolve, ele pode vivenciar prazer no que faz (CAVALCANTE; OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2009).

Desta forma, Dejours, Jayet e Abdoucheli (1994) consideram que a organização do trabalho é a maior responsável pelas consequências favoráveis ou penosas para os processos psíquicos desenvolvidos pelo trabalhador. Toda dinâmica vivenciada no mercado de trabalho devida à força da reestruturação produtiva, evidencia uma fragilização do trabalhador, favorecendo doenças corporais ou a doenças comportamentais, consideradas defensivas.

Dejours (1992) conceitua organização do trabalho como sendo a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa à medida que ele dela se deriva, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade. Assim, pode-se considerar que, tanto o modelo de organização do trabalho prescrito pela organização, quanto às relações subjetivas dos trabalhadores com o trabalho, têm papel fundamental na determinação de vivências de prazer, com consequências para a produtividade (MENDES, 1995).

Martins e Oliveira (2006) acreditam que o trabalho é produto das relações e das ações dos trabalhadores, da relação homem-trabalho do ponto de vista normal. Assim, para transformar um trabalho fatigante em um trabalho equilibrado, deve-se interferir na organização do trabalho e intervir nos aspectos abordados pela psicodinâmica do trabalho: organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho (DEJOURS; JAYET; ABDOUCHELI, 1994).

2.3 Vivências de prazer e sofrimento no trabalho

A psicodinâmica do trabalho define o prazer como mais do que uma vivência, tratando-o como um princípio mobilizador da dinâmica que emerge do contexto do trabalho. Esta abordagem considera que a busca pelo prazer e a esquivação do sofrimento são partes da constituição subjetiva, formação do ego e de todas as formas de defesa individuais e coletivas (MENDES, MULLER, 2013).

Para Mendes e Muller (2013), o prazer é um mobilizador que coloca o sujeito em ação na busca de gratificação, reconhecimento pelo outro por meio da utilidade e beleza do seu trabalho. A mobilização viabiliza o prazer por meio da inteligência prática, frente aos constrangimentos da organização do trabalho, provocando com essa mobilização a resignificação do sofrimento.

Segundo Dejours (2008), o prazer pode ser manifestado pela gratificação, realização, reconhecimento, liberdade e valorização do trabalho. Conforme o autor, o prazer é um indicativo de saúde no trabalho, pois pode promover a estruturação psíquica, a manifestação da subjetividade e a identidade dos indivíduos. Se a organização do trabalho for saudável, o universo do trabalho possibilita ajustar a realidade de trabalho aos desejos e necessidades, onde existir condições de negociação. Se as relações socioprofissionais forem democráticas e justas, torna-se possível o processo de reconhecimento, prazer e transformação do sofrimento (MENDES, 2011).

O prazer pode ser vivenciado pelo sujeito quando este se dá conta de que o trabalho desenvolvido tem expressão e importância para a estrutura na qual está inserido. É vivenciado quando aceito e admirado pelo que se realiza, quando deixa sua marca

peçoal, não simplesmente mera execução das atividades prescritas, um mero objeto (FERREIRA; MENDES, 2003).

O prazer é um sentimento proveniente da realização do potencial de cada indivíduo. Essa realização traz ao sujeito o sentimento de que pode defrontar-se com o meio no qual está inserido, o sentimento de autoconfiança, de alguém importante, competente e amigável, com capacidade de lidar com situações à medida que surgem, capacidade de se expressar e o sentimento de ser reconhecido (TOLEDO; GUERRA, 2009).

Conforme afirma Lima (2013), o reconhecimento é uma forma de retribuição simbólica resultante da ação realizada pelo sujeito, através de sua inteligência no trabalho, pelo engajamento de sua subjetividade no trabalho. A inteligência prática, a construção do coletivo via reconhecimento e cooperação, o ambiente laboral com abertura para diálogo são também constituintes da mobilidade subjetiva do trabalho que permitem a busca do prazer (MENDES; MULLER, 2013).

Dessa forma, o trabalho vivenciado pelos pós-graduandos na formação acadêmica experimenta uma série de sentimentos (FREITAS, 2005; VILELA, 2010; GRADELLA JR., 2010). De um lado, segundo Mendes (2007a), funciona como fonte de prazer. A academia proporciona identidade, realização, reconhecimento e liberdade, permitindo ao aluno ser o sujeito da ação. No espaço acadêmico, as vivências do prazer são possibilitadas pela produção de conhecimento, pelas relações interpessoais, pelo reconhecimento, pelos aspectos que mobilizam a inteligência favorecendo a satisfação pessoal (MENDES, 2007a).

Contudo, do outro lado, as vivências de sofrimento estão relacionadas à precarização das condições e permanente pressão sobre o ambiente acadêmico (MENDES, 2007b; VALADARES *et al.*, 2014). Nesse contexto, a precarização do trabalho advém do processo de reestruturação produtiva, combinando a evolução tecnológica com a flexibilização do trabalho. Assim, são produzidas a racionalização do tempo, a exigência de aumento da produtividade, a valorização da qualificação, eficiência e multifuncionalidade, tanto por parte do aluno como do professor (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Para a psicodinâmica do trabalho, o sofrimento surge quando ocorre o bloqueio da relação entre o trabalhador e a organização, em virtude das dificuldades de negociação das diferentes forças que envolvem as necessidades produtivas e o desejo do trabalhador (MENDES, 2007a). Para Dejours (1992), este sofrimento se dá pelo esgotamento das possibilidades de formas de adaptação entre o sujeito e a organização do trabalho. A partir desse desequilíbrio, conforme Dejours, Jayet e Abdoucheli (1994) apontam, os sujeitos vivem um equilíbrio instável entre o sofrimento e defesa.

Conforme Anjos (2013), o sofrimento no trabalho pode favorecer sua modalidade criativa ou impossibilitar sua ressignificação com impedimentos como a sobrecarga do trabalhador, enrijecimento das relações hierárquicas, diminuição da autonomia dada ao empregado, divisão e padronização de tarefas, falta de reconhecimento (MENDES, 1995; ANJOS, 2013).

O sofrimento pode estar relacionado à falta de alegria e prazer, à insatisfação com que o sujeito se vê diante de sua atividade no trabalho (LOURENÇO; FERREIRA; BRITO, 2009). A sobrecarga também é causadora de sofrimento, seja físico, intelectual ou emocional que o indivíduo sofre, pois o estresse é um esforço orgânico necessário à tentativa de reequilíbrio do indivíduo, quando ameaçado pelo ambiente externo. A sobrecarga de trabalho imposta pela instituição ultrapassa a capacidade dos indivíduos, afastando seus desejos e fazendo com que eles tomem para si as metas da organização, as quais são cada vez mais altas. Isso agrava o sofrimento, dificultando sua transformação e abrindo a possibilidade para o surgimento de doenças (MENDES; FERREIRA, 2007; SILVA, 2011).

A forma com que o sofrimento se manifesta pode ser percebida de maneira implícita ou explícita, e pode se dar por intermédio de sentimentos como angústia, desprazer, tensão, agressividade, fadiga, alienação, medo, insegurança, ansiedade, solidão, ineficácia, depreciação e desgaste, todos oriundos do conflito entre as necessidades de gratificação e a limitação de satisfazê-las, imposta pelas restrições das situações de trabalho. A desvalorização pode ser definida como a sensação de instabilidade e de incapacidade do trabalhador diante de questões de rendimento e de desempenho. Já o desgaste é expresso por sentimentos de cansaço, estresse,

desânimo, sobrecarga e frustração na realização das atividades laborais (DEJOURS; JAYET; ABDOUCHELI, 1994; FERREIRA; MENDES, 2003; MENDES; SILVA, 2006).

O sofrimento se manifesta de forma diferente para cada indivíduo de uma mesma cultura, período ou família. O que significa que, submetidos às condições idênticas, os indivíduos tendem a perceber o sofrimento de maneira diferente. Assim, o que caracteriza sofrimento para um sujeito, pode caracterizar prazer para outro. Prazer e dor podem estar combinados no sofrimento, pois este depende da significação que lhe é conferida pelo sujeito (BRANT; MINAYO-GOMEZ, 2004; DEJOURS, 2004; MORAES, 2013).

Segundo Freitas (2011), a academia, como uma atividade laboral, é considerada um lugar de risco para a saúde, pela frequência das doenças psicossomáticas entre os discentes. Entre os males mais diagnosticados citam-se: gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, síndrome do pânico, estresse, síndrome do esgotamento profissional – Burnout, como também ansiedade, depressão, culpa por incapacidade, perda da autoconfiança e a deterioração da saúde mental (BARRECHEGUREN, 2018). Moratto (2017) também menciona o isolamento, transtorno de sono, transtorno alimentar, alcoolismo e baixa autoestima.

Nesse cotidiano a exigência da qualificação convive com uma desprofissionalização dos pós-graduandos, provocada pela perda de autonomia e sobrecarga de trabalho. No entanto, o campo específico dos pós-graduandos passa a ser regido por normas externas fortemente incorporadas aos valores e comportamentos dos discentes quando deles muito se exige, e se cobram por um número elevado de publicações (VALADARES *et al.*, 2014). Para Godoi e Xavier (2012) não se formam mais professores e educadores, apenas pesquisadores e produtores de *papers*.

Luz (2005) refere que alunos e demais envolvidos na área estão propensos a desenvolver problemas graves de saúde, se considerada a concorrência desenfreada pela ascensão de conceito dos programas de pós-graduação, tanto em nível individual, quanto institucional. A isto se soma o isolamento e a hostilidade no local de trabalho.

O sofrimento se apresenta como uma reação, uma manifestação da resistência e da insistência em viver em um ambiente precarizado, quando de um esgotamento emocional ou profissional. Entretanto, pode ser resignificado e transformado em prazer e, quando isso não ocorre, pode exigir o uso intensivo de estratégias de defesa. Contudo, o uso exacerbado de defesas pode culminar no esgotamento, abrindo caminho para o adoecimento (MENDES, 2007a).

Dessa forma observam-se processos construídos no meio acadêmico. Um de saúde, espaço de possibilidades de construção da história individual, de desenvolvimento de habilidades e atitudes e de expressão das emoções. E o outro de doença, espaço propício para o desenvolvimento de enfermidades ocupacionais, afetando a saúde física e mental dos estudantes de pós-graduação (ARAÚJO *et al.*, 2005).

Oleto, Melo e Lopes (2013) revelam que aspectos relacionados aos sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho, tanto em nível organizacional e acadêmico, estão imbricados com um conglomerado de fatores que irá depender da subjetividade dos sujeitos, que podem encontrar alternativas estratégicas de saídas do sofrimento. Portanto, o sofrimento transforma-se numa patologia para o estudante de pós-graduação, evidenciando sofrimentos como angústia, estresse, preocupação, ansiedade, tensão decorrentes da relação acadêmica, como condução do projeto de pesquisa, o processo de comunicação dos trabalhos, a construção do conhecimento de forma independente, bem como os problemas institucionais. Já como prazer, foram evidenciadas questões relacionadas a reconhecimento, flexibilização, desafios e poder (OLETO; MELO; LOPES, 2013).

Para Freitas (2011) a vivência acadêmica tem uma série de gratificações, de ordem mais simbólica que real – entre elas a que fornece figuras identificatórias fundamentais que proporciona um convívio com vivos e mortos que reforçam os vínculos com a profissão e com as instituições de ensino, bem como ajudam a direcionar os níveis de aspiração. Muitos alunos e profissionais se espelham em mestres e doutores naquilo que eles representam. A carreira acadêmica cobra humildade, dedicação e disciplina, mas também reclama originalidade, ousadia e afirmação de autonomia intelectual.

2.4 Estratégias de enfrentamento ao sofrimento no trabalho

A psicodinâmica do trabalho é marcada pela dinâmica de evitar o sofrimento e de buscar o prazer. Essa dinâmica é resultado do enfrentamento do sofrimento, seja pelo uso de estratégias defensivas, que visam à negação ou o controle do sofrimento, seja pelas estratégias de mobilização coletiva, que ajudam na ressignificação do sofrimento e visam transformar as situações geradoras de sofrimento em situações geradoras de prazer (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

Para Codo (2004) e Dejours (1992) o indivíduo entrega parte de sua vida a uma organização, vendendo a sua força de trabalho. Saúde e prazer no trabalho são processos que precisam sempre ser conquistados. Assim, o uso de estratégias de mediação do sofrimento é fundamental para a busca da saúde e o prazer no contexto do trabalho.

Conforme a psicodinâmica do trabalho, os trabalhadores têm buscado várias formas de mediação para lidar com o sofrimento. Estes mecanismos de defesa se dão de forma inconsciente e são elaborados, a partir de uma negação do sofrimento. Por isso os trabalhadores negam o sofrimento de antemão, reprimindo seus sentimentos (MENDES, 2007a; DEJOURS, 2008).

A incompatibilidade entre os objetivos institucionais e os desejos do indivíduo resulta em sofrimento no trabalho. O modo como as tarefas são percebidas pelo trabalhador, em termos de significação, criação e valorização, está diretamente ligado à realização profissional. É necessário que a organização ofereça ao trabalhador condições para o desenvolvimento de seu potencial, promovendo a sensação de se sentirem produtivos e reconhecimento de suas conquistas. Disso pode emergir vivências de prazer que permitem o uso de mecanismos capazes de fazer com que o sofrimento seja resignificado em prol do equilíbrio psíquico no trabalho. Os mecanismos de defesa são recorridos pelos indivíduos para a sustentação desta dinâmica (DEJOURS; JAYET; ABDOUCHELI, 1994).

De acordo Dejours (1992), as estratégias surgem em virtude de conflitos decorrentes das relações entre as forças do indivíduo e aquelas originárias dos interesses das

instituições nas quais eles atuam, podendo ser utilizadas coletiva ou individualmente. A sublimação, a racionalização, a inteligência astuciosa e a ressonância simbólica são algumas das estratégias utilizadas para minimizar a presença do sofrimento no trabalho.

A sublimação refere-se a um processo inconsciente pelo qual um impulso é modificado de modo a se ajustar, ou ficar em conformidade com as demandas da organização. É um mecanismo utilizado para compensar as frustrações, mesmo que momentaneamente. A racionalização se dá quando o indivíduo busca justificativas para amenizar situações desagradáveis que vivencia no ambiente ocupacional. A ressonância simbólica está relacionada ao enfrentamento de situações concretas que os sujeitos vivenciam, de forma que ele consiga refletir e continuar seus questionamentos interiores. A ressonância é um requisito individual do mecanismo de defesa chamada inteligência astuciosa, que é a capacidade do indivíduo se ajustar à organização produtiva, no momento em que se depara com ineditismos ou surpresas no ambiente de trabalho. A inteligência astuciosa é um mecanismo que se apresenta em forma de habilidades, invenções ou criatividade (DEJOURS; JAYET; ABDOUCHELI, 1994).

Ferreira e Mendes (2003) acrescentam que as estratégias de mobilização coletiva representam o modo como os trabalhadores agem em coletividade, por meio do espaço público de discussão e da cooperação, com o intuito de encontrar alternativas de saídas de sofrimento, de fazer a gestão das contradições e de transformar a organização em fonte de prazer e bem-estar, decorrente das relações sociais. Diante das dificuldades e da exposição aos riscos e ao sofrimento, o trabalhador desenvolve estratégias de mediação do sofrimento, marcadas pela sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade, para suportar as condições adversas no trabalho, minimizar o sofrimento e evitar o adoecimento (MENDES, 2007b).

Ainda assim, como forma de enfrentar o sofrimento psíquico, os profissionais ampliam os métodos singulares de defesa, como, excessiva submissão; resistência a todo tipo de mudança; baixo índice de envolvimento com o trabalho, psicossomatização e perda de percepção e consciência dos sérios problemas

vivenciados no cotidiano acadêmico (OLIVEIRA, 2006). As relações interpessoais, de apoio e de reconhecimento, estabelecidas entre os trabalhadores, instituem possibilidades de enfrentamento das dificuldades encontradas no cotidiano do trabalho (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Entretanto, Martins e Oliveira (p. 123, 2006,) apontam que “suas estratégias de defesa para o enfrentamento do sofrimento não conseguem evitar o adoecimento e preservar seu equilíbrio. As consequências do sofrimento podem afetar a vida do trabalhador, porque o trabalho invade toda a existência do ser humano”.

É importante considerar que o sofrimento pode transformar-se em prazer, desde que o indivíduo encontre reconhecimento em seu trabalho pelo seu esforço e investimento despendido na tarefa que executa, adquirindo sentido na construção da identidade no trabalho, participando na impressão de sua marca pessoal no meio social no qual está inserido (DEJOURS, 1999b).

Pode-se concluir então, que as defesas contra o sofrimento são necessárias, embora se considere que o trabalho como local de prazer seja mais importante para a dimensão psíquica, sendo espaço de reconhecimento e valorização dos profissionais, por meio de seu fortalecimento. O enfrentamento compreendido como defesa funciona ainda como regulador das relações sociais e do processo laboral. Portanto, as buscas da saúde e do prazer estão sempre em construção, constituindo-se em um processo inacabado (LANCMAN; SNELWAR, 2004).

2.5 Estudos relacionados ao prazer e sofrimento dos pós-graduandos

Pesquisas acadêmicas que tratam do prazer e sofrimento de acadêmicos, publicadas nos anos de 2013 e 2014, foram analisadas e alguns recortes foram inseridos como aporte teórico e metodológico para o desenvolvimento deste estudo, pois se observa uma escassez de trabalhos com a temática proposta.

Bispo e Helal (2013) apresentam o artigo “A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: um estudo com mestrandos em Administração”, onde analisam a

apropriação de conceitos da Psicodinâmica Dejouriana para entender o processo de prazer e sofrimentos de mestrandos em Administração de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) localizada em João Pessoa, na Paraíba. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista.

Nesse estudo, após análise, foi possível emitir conclusões, apesar da coexistência de prazer e sofrimento na atividade desenvolvida, percebeu-se que a exigência de qualidade e quantidade das atividades conflita com o tempo que possuem para desenvolvê-las, fazendo com que se sintam pressionados e até castigados, o que pode terminar por afetar o funcionamento psíquico.

A pesquisa ainda indicou que em relação ao contexto do trabalho, os alunos relatam um aumento da carga psíquica. Mencionaram que a entrada no mestrado foi uma experiência traumática e sufocante, com necessidade de sacrificar, inclusive, a convivência com a família e amigos. Dessa forma, constatou-se a diminuição da liberdade de organização do trabalho. Tal visão em relação ao mestrado parece, em parte, ter ocorrido em função da mudança brusca de exigência observada entre os níveis de graduação e mestrado, gerando nos alunos sentimentos diversos.

Por outro lado, os mestrandos reconhecem que aprenderam a partir da exigência, mas que também sofreram. Falam em sentimentos de tristeza advindos do esforço nem sempre reconhecido e insistem que teriam aprendido de outra forma, sem necessariamente se sentirem castigados.

Observou-se que o relacionamento com os pares tem sido fundamental no processo. Os mestrandos afirmam que, com seus pares, o relacionamento é prazeroso. Em relação ao sofrimento vivenciado pelos alunos, o medo, a ansiedade e a angústia foram relatados como sentimentos que podem, inclusive, levar a descompensações psicossomáticas. Quanto aos mecanismos de defesa, os entrevistados relataram a utilização de estratégias individuais e coletivas. Quanto às individuais, a mais prevalente foi a organização sistemática das atividades a serem realizadas. O bom humor também foi relatado como modo de lidar com as pressões do curso.

Valadares *et al.* (2014) no artigo “Afim, voc4 tamb4m trabalha? Reflex4es sobre o n4o trabalho no ambiente da p4s-gradua44o em Administra44o” traz uma reflex4o sobre a centralidade e as problem4ticas do trabalho, ou melhor, n4o trabalho, no ambiente de p4s-gradua44o em Administra44o por meio da categoria te4rica subjetividade coletiva. O ensaio foi impulsionado pelas discuss4es sobre o produtivismo acad4mico e seus impactos na vida humana associada dos p4s-graduandos. Destacam-se as rela44es constru4das mediante subjetividades, bem como as esperanças de fuga da proletariza44o acad4mica advindas da reflexividade diante das demandas e exig4ncias da p4s-gradua44o.

Os autores discutem que o trabalho acad4mico se aproxima de um trabalho proletariado nos moldes taylorista-fordista. Constatase que a Administra44o 4 um campo marcado pelo pluralismo de teorias, ontologias e metodologias. O estudante de p4s-gradua44o passa a compreender o trabalho acad4mico como n4o mec4nico. A partir do momento em que ele reflete sobre sua pr4tica e age, ou busca agir, est4 ciente das rela44es e press4es impostas por uma estrutura, tanto quanto por sua pr4pria a44o individual e principalmente coletiva.

Assim, atrav4s da ressignifica44o do ambiente em que est4 inserido pode-se desenvolver estrat4gicas de resist4ncia que n4o sejam apenas individuais. Essas estrat4gicas, por sua vez, passam a compor ilustra44es do imagin4rio coletivo ou mesmo subjetividade social que caracteriza o trabalho na p4s-gradua44o. Nessas rela44es podem-se criar novas formas de trabalho e buscar resistir 4s existentes com estrat4gicas que ajudam a superar as press4es e as demandas na tentativa de manter o equil4brio emocional e ps4quico.

Nessas rela44es criam-se novas formas de trabalho e busca-se resistir 4s existentes com estrat4gicas que ajudam a superar as press4es e as demandas na tentativa de manter o equil4brio emocional e ps4quico. Por fim, os debates foram pautados nos desafios da forma44o do p4s-graduando no 4mbito dos cursos *stricto sensu* em Administra44o e cr4ticas ao modelo atual pautado na produtividade acad4mica, trazendo varia44es do prazer e debates sobre a educa44o.

A seguir apresenta-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, o detalhamento metodológico desta pesquisa é descrito a seguir, nas seguintes subseções: Tipo, abordagem e método de pesquisa; Unidade de análise e de observação; População, amostra e sujeitos de pesquisa; Coleta dos dados; e Tratamento dos dados.

3.1 Tipo, abordagem e método de pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e a abordagem é tanto quantitativa como qualitativa. Tem por objetivo descrever e analisar, diante configuração da psicodinâmica, as manifestações de prazer e sofrimento do aluno no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração, de instituições privadas, na cidade de Belo Horizonte, MG.

Para Triviños (1987) e Oliveira (1999), a pesquisa descritiva requer do investigador um conjunto de informações sobre o que, objeto e objetivo, deseja pesquisar, esse tipo de estudo objetiva descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Para Gil (2011) a pesquisa descritiva procura observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos ou fenômenos (variáveis), sem que o pesquisador neles interfira ou os manipule.

A pesquisa é quantitativa, segundo salienta Vianna (2001) e envolve dados numéricos, a partir de procedimentos estatísticos e adequados a cada situação. Para Malhotra (2004, p. 155), “procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. A pesquisa quantitativa considera tudo que possa ser quantificável, traduzindo em números as opiniões e informações, visando classificá-las e analisá-las.

Para a abordagem qualitativa, Demo (2002) oferece subsídios para compreender, analisar o problema em questão, permitindo uma visão amplificada, um olhar diferenciado sobre a realidade investigada. De acordo com Stake (2011) a pesquisa qualitativa denota que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na

compreensão humana, ou melhor, possui a finalidade de deixar o mundo visível ao observador.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Quanto ao método de pesquisa utilizado procedeu-se com o estudo multicaso, pois o estudo multicaso possibilita levantar evidências relevantes e de maior confiabilidade se comparado aos estudos de casos únicos (YIN, 2001). Neste estudo foram três instituições de ensino para a verificação das manifestações de prazer e sofrimento do aluno no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração.

3.2. Unidade de análise e de observação

A unidade de análise permite ao pesquisador impor seu próprio limite, o que for de seu interesse (GODOY, 1995). Para Collis e Hussey (2005), refere-se ao problema da pesquisa, ou seja, o que está sendo estudado. Assim os dados são coletados e analisados. Para a unidade de observação, segundo Collis e Husseys (2005) corresponde aquela na qual os dados são coletados.

Este estudo tem como unidade de análise os pós-graduandos matriculados nas instituições privadas no programa de Mestrado Acadêmico em Administração e como unidade de observação as instituições privadas localizadas nos bairros Cruzeiro, Coração Eucarístico e Santo Agostinho, que ofertam o Mestrado Acadêmico em Administração localizadas na cidade de Belo Horizonte – MG.

3.3 População, amostra e sujeitos da pesquisa

De acordo com Correa (2003. p. 9), “população é uma coleção completa de todos os elementos a serem estudados”. Trata-se do conjunto de indivíduos ou objetos que

apresentam em comum determinadas características definidas. Gil (2011) aponta que é um conjunto que possui determinadas características.

A pesquisa quantitativa teve como população 229 alunos matriculados em IES privadas no programa de Mestrado Acadêmico em Administração, na cidade de Belo Horizonte - MG (CAPES, 2018). Foi utilizada a amostra não probabilística, que conforme Hair Júnior *et al.* (2006), permite colher resultados da amostra por meio dos métodos subjetivos, como por conveniência, em que o pesquisador o pesquisador seleciona membros da população mais acessíveis.

Neste método de amostragem, as chances de seleção para a amostra não são conhecidas e não é apropriada a generalização das descobertas a partir da amostra para a população, mas estes argumentos não descaracterizam a confiabilidade da amostragem não probabilística (HAIR JÚNIOR *et al.*, 2006). Nesta etapa, foram respondidos 108 questionários, que representa uma amostra de 47% da população pesquisada.

Para a etapa qualitativa, os sujeitos de pesquisa, os pós-graduandos, foram definidos após a análise dos dados quantitativos. Um segundo critério para identificação dos sujeitos pesquisados foi a acessibilidade ou conveniência. Vergara (2003, p. 51) define que a seleção por acessibilidade não segue padrão estatístico, mas uma seleção de “elementos pela facilidade de acesso a eles”. Para esta etapa foram entrevistados 07 alunos das instituições pesquisadas, sendo 5 mestrandos do Centro Universitário, 02 mestrandos da Universidade localizada no bairro Cruzeiro e 01 mestrando da Universidade localizada no bairro Coração Eucarístico, e para preservar a identidade dos pós-graduandos, os mesmos foram codificados de P1 a P7.

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados na abordagem quantitativa se deu por meio de questionário utilizando o Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA (Apêndice B), proposto por Mendes (1999), validado por Mendes e Ferreira (2007) e adaptado para este estudo. A aplicação do questionário foi realizada de forma eletrônica, por

meio do *Google Docs*, sendo enviado aos *e-mails* e *whatsapps* dos mestrandos das instituições pesquisadas, com a colaboração das coordenações de cursos.

O questionário é um conjunto de questões a serem respondidas pelo pesquisado, sendo uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito, com o objetivo de conhecer a opinião das pessoas, seus interesses e expectativas e as situações já vivenciadas (GIL, 2010). Para Hair Júnior *et al.* (2006, p. 160) “o questionário é um conjunto de perguntas (ou medidas) cujas respostas são registradas pelos respondentes, o que garante a validade das respostas”.

O questionário em referência foi estruturado em quatro seções. A primeira seção inclui os dados demográficos e ocupacionais dos pós-graduandos a serem pesquisados e as demais incluem itens do ITRA, a saber: categoria custo humano no trabalho referente à avaliação do dispêndio intelectual para aprendizagem e dispêndio emocional; indicadores de prazer e sofrimento relativos às vivências positivas e negativas no curso de Mestrado Acadêmico em Administração e danos relacionados ao trabalho referentes aos tipos de problemas físicos, psicológicos e sociais na formação acadêmica.

Para a pesquisa qualitativa a coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada (Apêndice C), que de acordo com Marconi e Lakatos (2003), consiste no encontro de pesquisador e pesquisado, visando obter informações sobre determinado contexto. Para Trivinõs (1987), a entrevista é um dos principais meios para realizar a coleta de dados na abordagem qualitativa, pois permite que o investigador descubra as perspectivas do entrevistado, com base em questionamentos necessários, seguida de um campo de questões que surgem no transcorrer da fala.

O roteiro de entrevista foi elaborado após a análise dos dados obtidos pelo Inventário de Trabalho e riscos de adoecimento (ITRA). As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, os quais foram informados sobre a natureza do estudo. Foi garantida a eles a privacidade individual das respostas. Após a aplicação das entrevistas, realizou-se a transcrição fiel das respostas.

3.4.1 O Inventário Sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA)

O Inventário Sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA) é um instrumento estruturado que tem por objetivo traçar um perfil dos antecedentes, medidores e efeitos do trabalho no processo de adoecimento. Nesse sentido, o inventário avalia algumas dimensões da inter-relação trabalho e processos de subjetivação, ou seja, o próprio contexto do trabalho e os efeitos que ele pode exercer no trabalhador e, conseqüentemente, sobre sua saúde. Assim, o ITRA investiga o trabalho e os riscos de adoecimento por ele provocado em termos de representação do contexto do trabalho, exigências (físicas, cognitivas e afetivas), vivências e danos (MENDES; FERREIRA, 2007).

O ITRA, segundo Mendes e Ferreira (2007) se reestrutura em quatro categorias:

- A Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho (CT) aborda descrição do contexto de trabalho e diz respeito às representações relativas à organização, às relações socioprofissionais e às condições do trabalho;
- A Escala de Custo Humano no Trabalho (HT) aborda descrição das exigências relativas ao custo físico, cognitivo e afetivo do trabalho;
- A Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (PST) aborda descrição do sentido do trabalho e aborda representações relativas às vivências de prazer e sofrimento no trabalho;
- A Escala de Danos Relacionados ao Trabalho (DRT) aborda as representações relativas às conseqüências em termos de danos físicos e psicossociais.

O ITRA, para a pesquisa em saúde e trabalho, funciona como cenário, um pano de fundo, é um modo de capturar a representação do real na dimensão mais visível e compartilhada pela maioria dos trabalhadores de um determinado grupo, podendo representar em alguns contextos o discurso dominante, carregado de deseabilidade social (MENDES; FERREIRA, 2007).

Os autores Mendes e Ferreira (2007), completam que sua aplicação também pode ser usada em pesquisas acadêmicas na temática saúde e trabalho, a depender do

delineamento do objeto. Ainda assim, o pesquisador pode usar de entrevistas e observações para possibilitar melhor compreensão acerca da psicodinâmica do trabalho.

Para esse estudo foram utilizadas três das categorias: Custo Humano no Trabalho, Indicadores de Prazer e Sofrimento e Danos Relacionados ao Trabalho. A escala de Avaliação do Contexto do Trabalho não foi utilizada por considerar que os fatores vinculados à categoria não são pertinentes ao estudo realizado.

3.5 Análise de dados

Em relação aos dados quantitativos, a análise estatística foi realizada por meio do questionário aplicado aos pós-graduandos, que se deu em três momentos: no primeiro avaliou-se a confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados; no segundo avaliaram-se as medidas descritivas de tendência central e de variabilidade das variáveis de interesse (custo afetivo, custo cognitivo, liberdade de expressão, realização profissional, vivência de sofrimento, falta de reconhecimento, dano físico, dano social e dano psicológico); e no terceiro momento, avaliaram-se as medidas descritivas das citadas variáveis em relação ao tempo regularmente matriculado no mestrado.

Para avaliar a confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados avaliaram-se os escores de Alfa de Cronbach de cada um dos construtos considerados. Segundo Hair *et al.* (2005, p. 89), Alfa de Cronbach refere-se a uma “medida de confiabilidade que varia de 0 a 1, sendo os valores de 0,60 a 0,70 considerados o limite inferior de aceitabilidade”.

Para analisar a manifestação de custo afetivo, custo cognitivo, liberdade de expressão, realização profissional, vivência de sofrimento, falta de reconhecimento, dano físico, dano social e dano psicológico dos pesquisados foi calculado um indicador ancorado na média das respostas para cada uma das dimensões analisadas. Em seguida, avaliaram-se os dados descritivos dos construtos, com identificação da média, mediana, desvio padrão, mínimo, máximo e 3º quartil.

O mesmo procedimento descrito no parágrafo anterior foi utilizado para avaliação das medidas descritivas das citadas variáveis em relação ao tempo regularmente matriculado no mestrado. Por fim, cumpre indicar que a análise de dados quantitativos desta pesquisa foi realizada mediante utilização do Pacote Estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 25) e Minitab (versão 17.1.0).

Na pesquisa qualitativa, foi feita a análise do conteúdo dos dados identificados por meio das entrevistas realizadas, em confrontação com os dados elucidados na pesquisa quantitativa. Portanto, os achados na pesquisa quantitativa foram aprofundados na pesquisa qualitativa, possibilitando a realização da triangulação dos dados. Na visão de Neves (1996, p. 2), “a triangulação pode estabelecer ligações entre descobertas e pode também conduzir a paradoxos, dando nova direção aos problemas a serem pesquisados”. Como foram utilizados o método quantitativo e o qualitativo, caracteriza-se uma triangulação metodológica (COLLIS; HUSSEY, 2005).

As entrevistas foram transcritas e analisadas de maneira ordenada, ou seja, os conteúdos dos depoimentos fornecidos pelos entrevistados foram interpretados, buscando-se evidências nas manifestações de prazer e sofrimento dos pós-graduandos no curso de mestrado.

Os dados obtidos foram submetidos à análise do conteúdo e posteriormente foram realizadas interpretações em relação às categorias de análise e às relações com os resultados da abordagem quantitativa, relacionando com a teoria que deu suporte do estudo.

As categorias utilizadas para a análise para identificação do prazer e sofrimento dos pesquisados foram: Custo Humano no Trabalho, Indicadores de Prazer e Sofrimento, Danos Relacionados ao Trabalho com base no ITRA. São também apresentadas, as estratégias de enfrentamento do sofrimento mediante a formação acadêmica, os projetos futuros dos pós-graduandos com base nos sentimentos experimentados e, por fim, a percepção dos pós-graduandos sobre a intensidade do trabalho intelectual - o produtivismo acadêmico.

No capítulo seguinte, apresenta-se a ambiência da pesquisa.

4 AMBIÊNCIA DA PESQUISA

Neste capítulo apresenta-se uma visão geral sobre a pós-graduação no Brasil. Em seguida, apresentam-se as instituições privadas credenciadas para oferta dos Cursos de Mestrado Acadêmico em Administração, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os dados a seguir baseiam-se em seus sites, as referências não constam no texto, tendo em vista que as identificações foram preservadas.

No Brasil, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, foram estabelecidos meios legais para que o sistema educacional ficasse atrelado às regras do mercado. A partir daí houve um grande crescimento no número de instituições de ensino superior privadas no país (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Com a expansão quantitativa de IES elevou-se os níveis de formação da pós-graduação no Brasil, aumentando também seus níveis de qualidade. Nesse contexto, está a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), uma agência de fomento à pesquisa que estabelece diretrizes para avaliação desses programas, sendo uma delas, as exigências de produção científica dos docentes (ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

A Capes foi criada em 1951, concebida inicialmente para aperfeiçoar a formação de professores e desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação, mestrado e doutorado, em todos os estados da Federação. A Capes tem sido decisiva para os êxitos alcançados pelo sistema nacional de pós-graduação, como também na construção das mudanças que o avanço do conhecimento e as demandas da sociedade exigem. O sistema de avaliação, continuamente aperfeiçoado, serve de instrumento para a comunidade universitária na busca de um padrão de excelência acadêmica (CAPES, 2018).

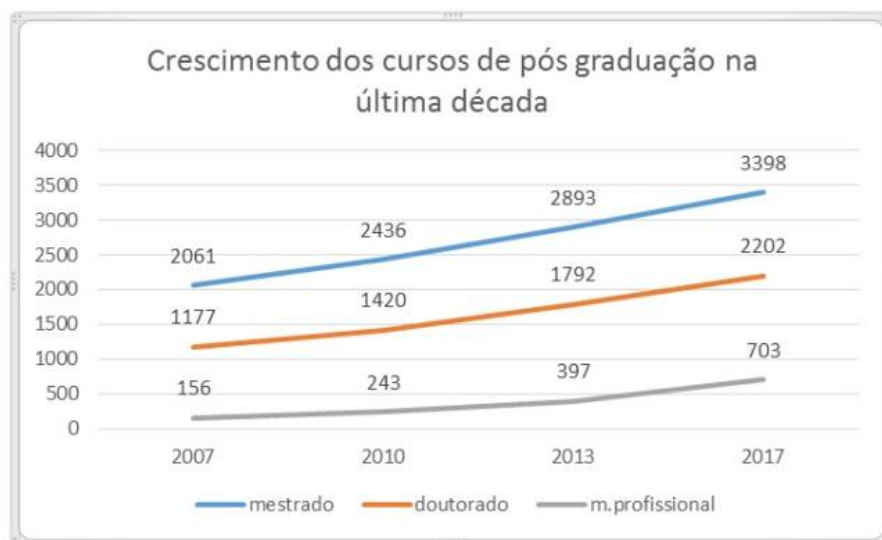
O sistema de pós-graduação no país, segundo Azevedo e Santos (2009) possui reconhecimento por parte da comunidade científica, nacional e internacional. Tal reconhecimento se deve ao formato e aplicação das políticas públicas para a pós-

graduação, o que expressa, entre outros modos, em sua expansão contínua, com qualidade.

O Brasil tem 122.295 estudantes de pós-graduação, sendo que o Estado de Minas Gerais absorve 21,6% dos alunos matriculados no programa *stricto sensu*, dos quais 13.093 são de mestrado acadêmico, 3.018 de mestrado profissional e 10.335 de doutorado. A região sudeste se sobressai com o maior número de pós-graduandos (FARIA, 2018).

Um dado significativo refere-se ao número de cursos em todos os níveis de formação, de 2007 a 2017, praticamente dobrou a quantidade de cursos de doutorado, GRAF.1, enquanto o número de mestrados acadêmicos cresceu 65%. Já os cursos de mestrado profissional mais que triplicaram (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

Gráfico 1 – Crescimento dos cursos de pós-graduação



Fonte: CAPES, Fotos públicas

Outro ponto que merece destaque, GRAF. 2, refere-se ao crescimento expressivo do número de alunos que concluíram seus cursos, 59% a mais de estudantes obtiveram o título de mestre e 94% de doutores, a titulação de mestres profissionais aumentou 193% (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

Gráfico 2 – Alunos titulados por nível e ano



Fonte: CAPES, Fotos públicas

A produção acadêmica, GRAF. 3, também teve um aumento considerável entre os dois últimos períodos de avaliação. Houve crescimento de 89% no número de artigos em periódicos e 80% na produção de livros ou capítulos de livros (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

Gráfico 3 – Publicação de artigos e livros



Fonte: CAPES, Fotos públicas

Na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, de acordo com a Plataforma Sucupira – coleta CAPES (2018), foram identificadas 03 instituições privadas credenciadas para oferta dos Cursos de Mestrado Acadêmico em Administração, sendo a primeira o Centro Universitário e duas Universidades. Estas instituições se destacam por estar há mais de 10 anos no mercado educacional, e perfazem juntas um total de 229 alunos regularmente matriculados.

O Centro Universitário, localizado no bairro Santo Agostinho, está no mercado educacional desde o ano de 2001 e oferece cursos na graduação, na graduação tecnológica, *lato sensu* e *stricto sensu*. É uma instituição criada e gerenciada por professores, consolidando-se como uma instituição de ensino superior de excelência.

Uma Universidade, localizada no bairro Cruzeiro, possui mais de 50 anos de atuação em ensino superior, atua na graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*, possui cerca de 15 mil alunos. No âmbito acadêmico foram implementadas políticas institucionais que objetivaram padronizar as ações acadêmicas na universidade, com intuito de melhorar a qualidade do ensino e possibilitar integração entre os cursos.

A outra Universidade, localizada no bairro Coração Eucarístico, possui 16 programas de pós-graduação *stricto sensu*, mestrado e doutorado, e foi eleita por seis vezes pelo Guia do Estudante, publicação da Editora Abril, como a melhor entre as instituições particulares do país. Possui mais de 56 mil estudantes em seus cursos de graduação, pós-graduação e extensão.

De acordo com os *sites* visitados, as instituições que ofertam os Programas de Mestrado Acadêmico transitam em diferentes áreas do conhecimento, se veem envolvidas com a inovação, com as questões sociais, com a dinâmica organizacional, além de preservar a qualidade, como também a identidade de ensino.

Cumprir destacar que o foco principal deste estudo está nas manifestações de prazer e sofrimento na formação acadêmica do corpo discente no curso de Mestrado

Acadêmico em Administração, de instituições privadas, na cidade de Belo Horizonte, MG.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo visa apresentar e analisar os resultados desta pesquisa. Inicialmente, procedeu-se à descrição do perfil dos sujeitos pesquisados, considerando variáveis demográficas, como gênero, faixa etária, estado civil, profissão e tempo que está regularmente matriculado no Mestrado Acadêmico em Administração na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A seguir, realizou-se a análise das manifestações do prazer e sofrimento dos pós-graduandos em relação ao Custo Humano no Trabalho, abordando os custos afetivo e cognitivo; Indicadores de Prazer e Sofrimento, abordando liberdade de expressão, realização profissional, vivência de sofrimento, falta de reconhecimento; e Danos Relacionados ao Trabalho abordando os danos físicos, danos sociais e danos psicológicos; em relação à formação proporcionada pelo mestrado, referidas nas abordagens quantitativa e qualitativa do estudo.

Em relação à abordagem quantitativa, participaram 108 estudantes do curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade de Belo Horizonte - MG, o que representa 47% desta população, no caso uma amostra não probabilística, o que conforme Hair Júnior et al. (2006), permite colher resultados por meio dos métodos subjetivos. A coleta de dados na abordagem quantitativa se deu por meio do questionário do Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), proposto por Mendes (1999), validado por Mendes e Ferreira (2007) e adaptado para este estudo.

Para avaliar a confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados avaliaram-se os escores de Alfa de Cronbach de cada um dos construtos considerados. Segundo Hair *et al.* (2005, p. 89), Alfa de Cronbach a escala refere-se a uma “medida de confiabilidade que varia de 0 a 1, sendo os valores de 0,60 a 0,70 considerados o limite inferior de aceitabilidade”.

Em relação à abordagem qualitativa, foram entrevistados 07 alunos, cujos resultados serão apresentados de forma complementar aos resultados quantitativos. Os dados

foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise foi realizada por meio da técnica de análise do conteúdo.

Foram identificadas nas escalas do ITRA as manifestações de prazer e sofrimento do aluno inserido no Programa de Mestrado Acadêmico em Administração. Foram identificadas e descritas também as estratégias de enfrentamento do sofrimento mediante a formação acadêmica, além de conhecer os projetos futuros, com base na experiência do prazer e sofrimento, diante dos desafios na formação acadêmica e, por fim, a percepção dos pós-graduandos sobre a intensidade do trabalho intelectual - o produtivismo acadêmico.

5.1 Dados demográficos, caracterização da amostra – abordagem quantitativa

Para melhor organização na apresentação dos dados, a caracterização dos respondentes foi realizada em dois momentos distintos: dados demográficos e tempo regularmente matriculado no mestrado (TAB. 1) e profissão (TAB. 2). Conforme demonstram as tabelas foram considerados 108 questionários validados para esse estudo.

Tabela 1 – Distribuição dos pesquisados por dados demográficos e tempo regularmente matriculado no mestrado

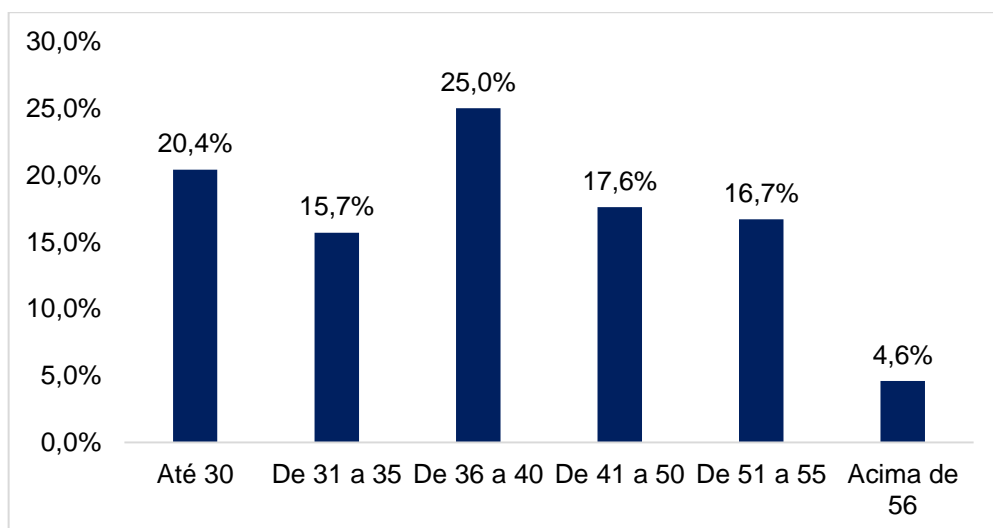
Variável		Frequência	
		Absoluta	Relativa (%)
Gênero	Feminino	57	52,8
	Masculino	51	47,2
Idade	Até 30 anos	22	20,4
	De 31 a 35 anos	17	15,7
	De 36 a 40 anos	27	25,0
	De 41 a 50 anos	19	17,6
	De 51 a 55 anos	18	16,7
	Acima de 56 anos	5	4,6
Estado civil	Casado	56	51,9
	Separado/Divorciado/Desquitado	9	8,3
	Solteiro	41	38,0
	Viúvo	2	1,9
Tempo regularmente matriculado no mestrado	Até 6 meses	18	16,7
	De 7 a 12 meses	4	3,7
	De 13 a 18 meses	45	41,7
	Acima de 19 meses	41	38,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na variável gênero, o sexo feminino apresentou 52,8% de participação, enquanto o masculino apresentou 47,2%, o que demonstra que a participação das mulheres é uma realidade na pós-graduação brasileira. De acordo com a Capes (2017) na modalidade de mestrado acadêmico as mulheres somam em todo o país 11 mil matrículas a mais que os homens e que aproximadamente 6 mil títulos a mais foram concedidos a elas.

Quanto à idade dos pesquisados: 20,4% apresentam ter até 30 anos; 15,7% de 31 a 35 anos; 25,0% de 36 a 40 anos; 17,6% de 41 a 50 anos; 16,7% de 51 a 55 anos e 4,6% acima de 56 anos. Conforme indica GRAF. 4, a distribuição dos pesquisados por idade mostra-se variável, tendo maior concentração entre 36 e 40 anos. De acordo com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE (2016) a idade média dos pós-graduandos vem diminuindo, embora lentamente, sendo em 2014 de 32,3 anos de idade. O que reflete em ter nas organizações uma mão de obra com mais maturidade, qualificada, competente, capaz de contribuir com diversas atividades inovadoras (SILVA, 2002; ANTUNES, 2003; 2012).

Gráfico 4 – Distribuição dos pesquisados por idade (em anos)

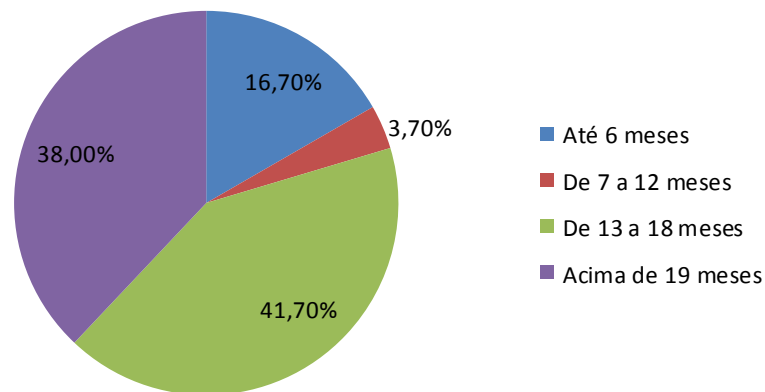


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quanto ao estado civil dos pesquisados, TAB. 1, tem-se que 51,9% são casados; 8,3% são separados, divorciados, desquitados; 38,0% são solteiros e 1,9% viúvos.

Quanto ao tempo que os pós-graduandos estão regularmente matriculados no Mestrado Acadêmico em Administração, tem-se que 16,7% possuem até 06 meses de matrícula; 3,7% de 7 a 12 meses; 41,7% de 13 a 18 meses e 38,0% acima de 19 meses, conforme demonstra o GRAF. 5. Isso demonstra de acordo com Antunes (2003), que a produção acadêmica exige envolvimento pessoal, motivação e dedicação de tempo muito superior ao que se espera.

Gráfico 5 – Distribuição dos pesquisados por tempo regularmente matriculados no mestrado



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Para a distribuição dos pesquisados por profissão, TAB. 2, nota-se que as atividades laborais em destaque são: 23,1% são professores; 14,8% administradores e 13,0% servidores públicos.

Considerando aqui a profissão de maior realce, os professores, Ferrasoli (2018) considera que os profissionais docentes estão em busca de aperfeiçoamento, atualização, melhor qualificação e ascensão na carreira acadêmica, o que proporciona uma elevada procura pelos cursos *stricto sensu*, que para Figueiredo e Alevato (2013), conseqüentemente, possibilita uma maior intensidade do trabalho intelectual.

Tabela 2 – Distribuição dos pesquisados por profissão

Variável	Frequência	
	Absoluta	Relativa (%)
Administrador	16	14,8
Advogado	5	4,6
Analista	5	4,6
Área da saúde	1	0,9
Bancário	3	2,8
Bibliotecária	1	0,9
Bióloga	1	0,9
Biomédica	2	1,9
Compradora	1	0,9
Consultor e professor	2	1,9
Contador	4	3,7
Coordenador de curso	1	0,9
Empresaria e administradora	1	0,9
Enfermagem	1	0,9
Engenheiro	5	4,6
Estudante	3	2,8
Fisioterapeuta	1	0,9
Funcionário público	14	13,0
Pedagoga	2	1,9
Pedagogo/Professor	1	0,9
Pesquisador	2	1,9
Professor	25	23,1
Professor e Advogado	5	4,6
Psicóloga	3	2,8
Publicitário	2	1,9
Vice diretora	1	0,9

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

5.2. Perfil dos pós-graduandos entrevistados – abordagem qualitativa

Participaram desta pesquisa 07 pós-graduandos regularmente matriculados no curso de Mestrado Acadêmico em Administração em Belo Horizonte, Minas Gerais. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas utilizando a técnica de análise do conteúdo.

Dentre os entrevistados, 04 são homens e 03 são mulheres, sendo suas profissões: três professores, um administrador, um contador, um estudante e um funcionário público. Quanto ao estado civil, 03 discentes são casados, 03 solteiros e 01 divorciado. As idades variam de 24 a 45 anos, o que comprova a maturidade para a escolha do curso.

Destaca-se também que os entrevistados estão, aproximadamente, há 18 meses matriculados no curso de mestrado. Para preservar a identidade dos pós-graduandos, os mesmos foram codificados de P1 a P7.

A próxima seção avalia a confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados.

5.3 Avaliação da confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados

Dado o objeto da psicodinâmica do trabalho, a escala ITRA foi elaborada para avaliar os antecedentes, mediadores e efeitos do trabalho no processo de adoecimento (MENDES; FERREIRA, 2007), e considerando que esta pesquisa avalia o prazer e sofrimento na formação dos pós-graduandos no curso de mestrado, entendeu-se ser necessária a avaliação da confiabilidade da referida escala. Esse procedimento teve por objetivo avaliar a confiabilidade do questionário em relação ao público alvo deste estudo. Para tal fim, suas questões foram codificadas conforme se apresenta na TAB. 3.

Tabela 3 – Codificação das questões do questionário

CA1	Tem controle das emoções para a formação do mestrado?
CA2	Exige um custo emocional.
CA3	É obrigado a lidar com a agressividade dos outros (colegas e/ou orientador).
CA4	Tem o hábito de disfarçar os sentimentos.
CA5	Se sente obrigado a ter bom humor.
CA6	Se sente obrigado a transgredir valores éticos.
CA7	Se sente submetido a constrangimento.
CG1	Desenvolve macetes para o processo de aprendizagem.
CG2	Tem que resolver problemas.
CG3	Se sente obrigado a lidar com imprevistos.
CG4	Faz previsão de acontecimentos.
CG5	Usa a visão de forma contínua.
CG6	Usa a memória de forma contínua.
CG7	Tem desafios intelectuais.
CG8	Faz esforço mental.
CG9	Tem concentração mental.
CG10	Usa a criatividade.
LE1	Tem liberdade com o orientador para negociar suas demandas.
LE2	Tem liberdade para falar durante a orientação do seu trabalho.
LE3	Existe solidariedade com o orientador.
LE4	Existe confiança no orientador.
LE5	Possui liberdade para expressar opiniões durante a orientação.
LE6	Possui liberdade para usar a criatividade.
LE7	Existe cooperação entre você e orientador.
RP1	Está satisfeito com o orientador.
RP2	Existe motivação com o orientador.
RP3	Tem orgulho pelo seu desempenho no mestrado.

RP4	Bem-estar acadêmico.
RP5	Há realização acadêmica.
RP6	Há valorização acadêmica.
RP7	Existe reconhecimento acadêmico.
RP8	Há gratificação pessoal com as atividades.
VS1	Existe esgotamento emocional com o mestrado.
VS2	Estresse com o mestrado.
VS3	Insatisfação com o mestrado.
VS4	Sobrecarga com o mestrado.
VS5	Frustração com o mestrado.
VS6	Insegurança com o mestrado.
VS7	Medo com o mestrado.
FR1	Falta de reconhecimento do meu esforço.
FR2	Falta de reconhecimento do meu desempenho.
FR3	Percebe discriminação no mestrado.
FR4	Percebe indignação no mestrado.
FR5	Percebe inutilidade no mestrado.
FR6	Percebe desqualificação no mestrado.
FR7	Percebe injustiça no mestrado.
DF1	Sente dores no corpo.
DF2	Dores nos braços.
DF3	Dor de cabeça.
DF4	Distúrbios respiratórios.
DF5	Distúrbios digestivos.
DF6	Sente dores nas costas.
DF7	Distúrbios auditivos.
DF8	Alterações do apetite.
DF9	Distúrbios na visão.
DF10	Sente alterações do sono.
DF11	Dores nas pernas.
DF12	Distúrbios circulatórios.
DS1	Percebe insensibilidade em relação aos colegas.
DS2	Sente vontade de ficar sozinho.
DS3	Conflitos nas relações familiares.
DS4	Percebe agressividade com os outros.
DS5	Dificuldade com os amigos.
DS6	Percebe impaciência com as pessoas em geral.
DP1	Sente amargura.
DP2	Sensação de vazio.
DP3	Sentimento de desamparo.
DP4	Mau-humor.
DP5	Vontade de desistir de tudo.
DP6	Sente tristeza.
DP7	Irritação com tudo.
DP8	Sensação de abandono.
DP9	Dúvida sobre a capacidade de fazer tarefas.
DP10	Sente solidão.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nota: CA – Custo Afetivo; CG – Custo Cognitivo; LE – Liberdade de Expressão; Realização Profissional; VS – Vivência de sofrimento; FR – Falta de Reconhecimento; DF – Danos Físicos; DS – Danos Sociais; DP – Danos Psicológicos.

A avaliação da confiabilidade da escala foi realizada a partir da medida de Alfa de Cronbach, cujos resultados são apresentados na TAB. 4. Observou-se que a eliminação de DP4 e de DS2 implicou em pequena elevação nos escores de Alfa de

Cronbach de seus respectivos fatores; motivo pelo qual optou-se por manter as citadas questões. Em relação a DS1, entretanto, sua retirada implicou em aumento considerável da confiabilidade do construto (que passou de 0,772 para 0,839). Por esse motivo, optou-se por eliminar DS1. Com esta modificação, todos os construtos apresentaram escores de Alfa de Cronbach superiores a 0,8; o que indica elevado grau de confiabilidade da escala. Esse resultado é positivo, pois garante que as conclusões aferidas pela pesquisa são confiáveis em relação a esse aspecto.

Tabela 4 – Avaliação da confiabilidade da escala utilizada para coleta de dados – Alfa de Cronbach

Construto	Questão	Alfa de Cronbach		Construto	Questão	Alfa de Cronbach	
		Se item deletado	Todas as questões			Se item deletado	Todas as questões
Custo afetivo (CA)	CA1	0,826	0,833	Falta de reconhecimento (FR)	FR1	0,891	0,905
	CA2	0,813			FR2	0,891	
	CA3	0,798			FR3	0,893	
	CA4	0,797			FR4	0,881	
	CA5	0,803			FR5	0,899	
	CA6	0,828			FR6	0,889	
	CA7	0,807			FR7	0,890	
Custo cognitivo (CG)	CG1	0,909	0,911	Dano psicológico (DP)	DP1	0,943	0,949
	CG2	0,897			DP2	0,940	
	CG3	0,900			DP3	0,939	
	CG4	0,909			DP4	0,954	
	CG5	0,910			DP5	0,945	
	CG6	0,895			DP6	0,941	
	CG7	0,901			DP7	0,947	
	CG8	0,898			DP8	0,940	
	CG9	0,901			DP9	0,947	
	CG10	0,900			DP10	0,942	
Liberdade de expressão (LE)	LE1	0,924	0,934	Dano social (DS)	DS1	0,839	0,772
	LE2	0,922			DS2	0,777	
	LE3	0,924			DS3	0,706	
	LE4	0,931			DS4	0,681	
	LE5	0,919			DS5	0,689	
	LE6	0,923			DS6	0,702	
	LE7	0,927			--	--	
Realização profissional (RP)	RP1	0,907	0,907	Vivência de sofrimento (VS)	VS1	0,911	0,918
	RP2	0,901			VS2	0,905	
	RP3	0,901			VS3	0,897	
	RP4	0,889			VS4	0,924	
	RP5	0,881			VS5	0,900	
	RP6	0,885			VS6	0,890	
	RP7	0,890			VS7	0,905	
	RP8	0,901			--	--	
Dano físico (DF)	DF1	0,903	0,914	--	--	--	--
	DF2	0,904					
	DF3	0,910					
	DF4	0,907					
	DF5	0,905					
	DF6	0,903					
	DF7	0,911					
	DF8	0,904					
	DF9	0,908					
	DF10	0,909					
	DF11	0,907					
	DF12	0,907					

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Uma vez que a escala se mostrou confiável, o próximo item tem por objetivo avaliar a percepção dos pesquisados em relação aos construtos considerados.

5.4 Avaliação da percepção dos pesquisados a respeito dos construtos de interesse

Para avaliação da percepção dos pesquisados em relação ao custo afetivo, custo cognitivo, liberdade de expressão, realização profissional, vivência de sofrimento, falta de reconhecimento, danos físicos, danos sociais e danos psicológicos em relação à formação proporcionada pelo mestrado, avaliaram-se medidas descritivas atreladas aos citados construtos, conforme se apresenta na TAB. 5.

Assim, para as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, todas as variáveis a seguir foram relacionadas à classificação dos escores de média, sendo: baixa até média de 2,99; moderada de 3 a 3,99 e elevada acima de 4; considerando os valores de mínimo e de máximo da escala, quais sejam, 1,00 e 5,00 respectivamente.

Tabela 5 – Análise descritiva das variáveis

Variável	Média	Mediana	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	3º quartil
Custo afetivo	3,18	3,14	0,83	1,29	5,00	3,57
Custo cognitivo	4,12	4,10	0,69	1,90	5,00	4,68
Liberdade de expressão	3,55	3,43	0,96	1,14	5,00	4,39
Realização profissional	3,45	3,63	0,91	1,00	5,00	4,00
Vivência de sofrimento	3,57	3,57	0,93	1,00	5,00	4,29
Falta de reconhecimento	2,82	2,71	0,96	1,00	5,00	3,57
Dano físico	2,59	2,67	0,85	1,00	4,42	3,17
Dano social	2,75	2,80	0,80	1,20	4,80	3,20
Dano psicológico	2,83	2,90	0,96	1,00	4,90	3,40

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A seguir, serão descritas as análises dos fatores do ITRA, buscando identificar as manifestações de prazer e sofrimento na formação acadêmica diante exigências e rotinas impostas ao corpo discente no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração.

5.4.1 Escala de Custo Humano do Trabalho

Para a Escala de Custo Humano do Trabalho, foram considerados os fatores cognitivo e afetivo, sendo considerada média acima de 4, como vivência de sofrimento.

Em relação ao *custo afetivo*, definido como dispêndio emocional, a forma das relações afetivas, sentimentos e de estado de humor (MENDES; FERREIRA, 2007), observou-se média moderada de 3,18, o que implica dizer que envolve não só a razão, mas também desejos, afetos e emoções, ou seja, é superar o não prescrito na busca da construção constante (SZNELWAR; UCHIDA; LANCMAN, 2011), o que sugere que manifestações como o prazer estão presentes na vida acadêmica dos pós-graduandos no curso de mestrado, e que pode ser observado nos relatos abaixo:

O mestrado sempre foi um desejo, um sonho de muitos anos, o fato de trabalhar com Gestão despertou o interesse na área da Administração (P4).

A escolha se deu primeiramente por lecionar em Instituição de Ensino Superior, mas antes de tudo, pela minha formação em Administração. Então optei por aprimorar os conhecimentos no ato de planejar, direcionar, na visão de mais ação no âmbito organizacional (P2).

Eu escolhi o mestrado porque preciso da titulação pra garantir minha empregabilidade. Por causa do título o MEC cobra demais as faculdades privadas [...] (P5).

Ainda tem-se que 25,0% dos respondentes manifestam média de custo afetivo acima de 3,57, que indica presença de sentimentos que desequilibram as emoções, como angústia, medo, frustração, especialmente aqueles que em algum momento, vivenciaram situações traumáticas e sufocantes ao longo da sua formação acadêmica, conforme descrito pelos pós-graduandos.

Sinto muito medo de não dá certo (P1).

Tenho medo de fracassar em alguma tarefa, de não cumprir com os prazos do curso, de ser humilhado na frente de outras pessoas, não ser bom o suficiente para conquistar o título de Mestre (P3).

Ao longo do curso, o sentimento é de angustia, de incapacidade, na verdade um desespero [...] (P4).

O desafio maior é de achar que não vou dar conta [...] (P7).

Para Dejours, Jayet e Abdoucheli (1994), nem sempre o mal-estar é sinônimo de uma patologia e na maioria das vezes são vivências de sofrimento nomeadas de várias formas, como ansiedade, preocupação, estresse, tensão, entre outros.

No que se refere ao *custo cognitivo*, observou-se a maior média de 4,12 em relação a todos os demais construtos. Esse resultado indica um maior dispêndio intelectual para a aprendizagem, maior dispêndio para a produção e resolução de problemas às questões vivenciadas no curso de mestrado, que demonstra maior nível de exigência cognitiva para a formação acadêmica (MENDES; FERREIRA, 2007), ou seja, vivências de sofrimento são marcantes no desempenho intelectual do aluno.

O tempo todo somos forçados a pensar, a realmente usar a memória, trazer coisas novas, principalmente na escrita, que requer atenção e criatividade (P4).

Existe um dispêndio intelectual muito grande, porque a gente tem que ler uma grande quantidade de coisas, que é até exaustivo, na academia você não pode dizer eu acho, é importante que você tenha argumentos para seus pontos de vista (P7).

Essa exaustão mental e emocional são sinais que carregam exigências de produtividade e excelência de trabalho e, ao mesmo tempo, dificuldades para o cumprimento de tais exigências (LACAZ, 2010).

Para Grisci (2008), a possibilidade de inventar, criar, imaginar, somada à capacidade de iniciativa e de decisão, bem como a mobilização pessoal na tarefa e nas relações, são valorizadas e exigidas na escala do custo cognitivo, como um dos fatores de competitividade para as instituições de ensino, na nova relação que se estabelece entre produção e consumo. Conforme relatos, é possível perceber o dispêndio imaginativo que, tantas vezes, os pós-graduandos denominam de obstáculos.

Tenho muita dificuldade em produzir algo novo, que tantas vezes foram discutidos em vários outros artigos. Aja criatividade! (P6).

[...] o mestrado te exige, te obriga a sair da “caixa”, a produzir sempre algo diferente daquilo que já foi realizado por outros pesquisadores e pós-graduandos. É sempre desafiador (P4).

[...] já me acostumei com as exigências acadêmicas, a gente sempre pode melhorar [...] (P3).

Mediante a exigência de maior empenho por parte do indivíduo, a análise da intensidade do trabalho intelectual está voltada para os resultados, essa intensificação garante resultados quantitativamente superiores (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013), mas geradora de altos níveis de estresse, depressão e ansiedade para seguir a carreira acadêmica (MORAIS, 2017).

[...] quando as coisas estão corridas e tem muita pressão em cima de você, é complicado manter um rendimento bom. Quando fico ansioso e estressado com algumas coisas, fico meio desesperado e com pressa de entregar as tarefas. Com isso, acaba que não fica um trabalho 100%. Se tivesse mais calma e mais orientação, seria muito mais fácil. Eu percebo que, as vezes, fico muito cansado mentalmente. Chego em casa exausto. Tem dias que fica difícil dormir, relaxar nos finais de semana, de sair de casa pra poder se divertir. É complicado lidar com isso tudo (P3).

[...] após algumas tarefas realizadas me sentia esgotado mentalmente (P1).

Para 25,0% dos respondentes, o custo cognitivo é ainda maior (superior a 4,68, sendo este escore próximo ao limite máximo da escala, qual seja, 5,00), cabendo relatar que a criatividade, segurança, confiança, se empenham em maximizar qualquer atividade laboral, sendo exigido do pós-graduando maior esforço intelectual como também físico, caracterizando sentimentos de sofrimento na formação acadêmica.

A instituição está focada em atender, prioritariamente, às exigências da CAPES e se mostra insensível com as dificuldades dos alunos que, na maioria dos casos, não se encontram em dedicação exclusiva para o mestrado. É um esforço intelectual muito grande, que, junto com o cansaço físico do dia a dia, provoca um transtorno psicoemocional. Os professores mais experientes não produzem neste formato, embora estejam totalmente direcionados para uma atividade intelectual, o que não é o caso dos alunos (P6).

Ainda em relação ao custo cognitivo, tem-se que essa variável alcançou o menor valor de desvio padrão (DP=0,69), o que indica maior homogeneidade dos pesquisados em relação à manifestação deste construto.

Para Dal Rosso (2005) o esforço da atividade de estudar, pesquisar e produzir artigos é um tipo de atividade imaterial que não tem fronteiras de tempo e espaço para ocorrer, atinge o físico do trabalhador, do pós-graduando, induzindo a problemas de saúde centrados em espaços cognitivos, emotivos, relacionais e sociais da pessoa do trabalhador e do grupo a que pertence.

Pesquisar, escrever, criar, elaborar propostas não são trabalhos mecânicos! O trabalho intelectual demanda tempo. Somos pressionados a replicar conhecimentos sem nenhuma crítica. Sinto que estou rodando em círculos, sem condições de contribuir de maneira relevante para a academia (P6).
Escrever artigo é extremamente exaustivo, principalmente quando é feito em grupo, as pessoas tem pensamentos diferentes e isso dificulta fazer algo com qualidade (P7).

Os pós-graduandos são exigidos mentalmente, pelo uso constante da memória, necessidade de concentração, esforço mental e controle emocional. Para Mendes (2007b), a avaliação significa um resultado negativo e produtor de custo humano e sofrimento, em que prevalece forte risco de adoecimento, requerendo providências imediatas nas causas, visando eliminá-las e/ou atenuá-las.

É pressão o tempo todo, tem ameaça em cortar o seu desconto [...] tem que escrever artigo todo semestre pra manter o desconto [...] tem que aceitar e pronto (P3).
O mestrado exige muito da capacidade cognitiva. Precisamos ler bastante, compreender, sintetizar, interpretar, criticar e concluir para produzir textos de qualidade. Para que isso seja possível, precisamos estar bem psíquica e emocionalmente. Uma condição cada dia mais difícil com a realidade de hoje (P6).

Assim sendo, na Escala de Custo Humano e Trabalho, onde foi avaliado o dispêndio intelectual para aprendizagem e dispêndio emocional, observou-se que, apesar de toda a magnitude de prazer que a criação intelectual proporciona, a aquisição do conhecimento é também uma fonte de desprazer. Os pós-graduandos relatam tanto a presença do sofrimento como a presença do prazer, vistas a intensificação do trabalho e cobranças vivenciadas no meio acadêmico.

5.4.2 Escala Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho

Na Escala Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho foram avaliados quatro fatores: dois para avaliar o prazer - realização profissional e liberdade de expressão, sendo a média elevada considerada vivência de prazer, e dois para avaliar o sofrimento no trabalho - falta de reconhecimento e vivência de sofrimento (MENDES; FERREIRA, 2007), sendo a média, acima de 4, considerada vivência de sofrimento

Quanto ao fator *liberdade de expressão*, vivência de liberdade para pensar, organizar e falar sobre o seu trabalho (MENDES; FERREIRA, 2007), tem-se média moderada de 3,55, o que implica dizer que os pós-graduandos sentem liberdade, confiança e cooperação nos professores, inclusive no professor-orientador, essa avaliação permite ao estudante ser o sujeito da própria ação (MENDES, 2007a).

Leite Filho e Martins (2006) ainda acrescentam que, para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e os orientandos conheçam as suas prerrogativas, constituída através de relacionamento construtivo em espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos.

Percebo liberdade quando meu orientador me deixa falar, me deixa participar daquilo que estou produzindo intelectualmente, essa liberdade proporciona meu crescimento, me permitindo avançar (P4).

[...] sinto liberdade pra fazer isso! Até hoje a coisa fluiu bem! Dei opiniões, ele corrigiu algumas coisas, eu alterei e deu certo (P5).

Percebo que às vezes eu podia receber mais orientações, sempre consigo com ele uma abertura, ele é bem disponível. Percebo que existe uma relação de confiança, existem as orientações, mas nem sempre sigo na íntegra o que é dito (P7).

Para Mendes, Costa e Barros (2003) as relações sociais também contribuem para o ambiente acadêmico, sendo consideradas fontes de satisfação e podem auxiliar para minimizar o sofrimento, ou seja, é uma forma de enfrentar o sofrimento no meio acadêmico. Para Esteve (1999) a convivência sadia pode intensificar as relações interpessoais, e conseqüentemente, promover o prazer. A convivência com os amigos e colegas de sala, o bom relacionamento com os pares, conforme relato dos

pós-graduandos é tido como fundamental para a saúde psíquica do entrevistado, gerando prazer nas relações, reforçando Ferreira e Mendes (2003).

Existe entre os colegas confiança e cooperação (P2).

Tento ajudar todo mundo e vejo que a maioria também nos ajuda. Tem que ter cooperação, afinal, está todo mundo no mesmo caminho e com os mesmos objetivos, né (P3).

Pessoal se ajuda muito, [...] compartilham tudo que podem (P5).

Assim, para 25,0% dos respondentes, a média de liberdade de expressão foi superior a 4,39, o que sugere dizer que as vivências de prazer, são possibilitadas pela produção do conhecimento, pelas relações interpessoais, que mobilizam a satisfação pessoal (MENDES, 2007a). Os professores e orientadores são tidos como apoio na execução das tarefas, como mestres e mentores para a produção intelectual do pós-graduando.

Os professores entram na sala motivados, com a sinergia da turma, em desempenhar o melhor papel como educador e orientador no aprendizado (P2).

A maioria dos professores são bons profissionais [...]. Quando a gente precisa eles ajudam (P3).

[...] tenho muita liberdade para falar o que penso [...] é ele quem te ajuda a ficar na linha (P7).

O relacionamento com os professores é cordial, sendo que alguns constroem uma relação mais afetiva com a turma, favorecendo o aprendizado. Mas, às vezes, o ego dos professores nos intimida (P6).

O que ele pede eu altero e o que eu mando pra ele, ele avalia e me responde. A coisa flui de boa! (P5).

A relação interpessoal quando bem construída proporciona crescimento e passa a ser vista como satisfação contínua e gradativa, provocando motivações que tendem à criatividade, à capacidade e fontes de prazer (MOSCOVICI, 2008).

Contudo, levanta-se a suposição de que, quando estes atores, na relação orientador e orientando, renunciam às suas funções algumas rupturas podem ocorrer no

relacionamento e estas influenciam de maneira negativa o processo de construção e a qualidade dos trabalhos da pós-graduação (LEITE FILHO; MARTINS, 2006).

Meu orientador é muito rígido e não dá muito espaço pro lado pessoal, sabe?! É até difícil dizer se é bom ou não... Eu tenho muito respeito por ele, por ser um grande pesquisador e professor. Ele me desperta medo e respeito ao mesmo tempo. Já ouvi muitas pessoas dizendo coisas terríveis dele, dá um certo pânico de acontecer comigo também (P3).

Não sinto liberdade com o orientador, isso não acontece muito não, os professores têm suas opiniões formadas e não permitem sugestões (P1).

Para Ferreira e Assmar (2008), as relações interpessoais mantidas no ambiente de trabalho, quando marcadas por conflitos, por falta de confiança, hostilidade e competição, podem se constituir fonte potencial de estresse e de insatisfação no trabalho, conforme relatos dos pesquisados.

Às vezes, sinto que estou muito aquém da expectativa do orientador e ele não se sente motivado para me orientar (P6).

Muito difícil viver nesse ambiente, meu orientador já me fez sofrer, me fez chorar, vontade de desistir de tudo, me sentia um entulho. Foi muito difícil, muito angustiante, eu tinha medo (P4).

Eu percebo que ele não está muito interessado no meu trabalho. Eu faço quase tudo sozinho e ele só marca o que tem que mudar, o que tem que melhorar, etc... Fico meio perdido com isso, sem alguém pra recorrer, pra ajudar, pra contribuir com a pesquisa (P3).

Quando existe desequilíbrio nessa relação, naturalmente se promove um impulso desagradável ou ameaçador, que tende a afastar o indivíduo, favorecendo o descontentamento, o desprazer nas pessoas, com objetivo de se proteger, se defender e se preservar (MOSCOVICI, 2008).

A gente se sente meio sozinho nesse processo, sem muita orientação, sem ter um norte. Quando a gente sabe que tem alguém que está junto, ajudando, auxiliando nas tarefas, fica muito mais fácil e prazeroso (P3).

Alguns professores estimulam bastante o aprendizado e a evolução acadêmica. Outros me fazem sentir uma estudante de segunda categoria, incapaz de acompanhar um nível de aula mais aprofundado (P6).

Quando as expectativas não são alcançadas, estas se transformam em sofrimento para o discente, pois o mesmo se sentirá angustiado, ansioso, chegando a duvidar de sua capacidade individual e, conseqüentemente, sua formação poderá ser afetada (BISPO; HELAL, 2013).

[...] é muito estressante você ter que fazer quase tudo sozinho e depois o orientador rabiscar seu trabalho todo como se ele tivesse te orientado antes pra poder dar andamento no trabalho, sabe?! É como eu te falei, é muita pressão e a gente não pode errar (P3).

Já em relação à *realização profissional*, conceituada como vivência de gratificação profissional, orgulho e identificação com o trabalho que se faz (MENDES; FERREIRA, 2007), mostrou que os pós-graduandos sentem gratificação de estar no curso de Mestrado Acadêmico em Administração, observou-se média moderada de 3,45, o que permite indicar o reconhecimento pessoal e profissional, capaz de levar o mestrando à obtenção de satisfação nas atividades que realiza (MARTINS; HONÓRIO, 2014).

Os entrevistados percebem o curso de mestrado como uma expectativa de oportunidade profissional, garantir a empregabilidade, e ainda ampliar o conhecimento e estimular a reflexão teórica. Todos os entrevistados relatam que a aprovação no processo seletivo despertou sentimentos de responsabilidade, compromisso, realização de um sonho, corroborando Dejours (2008).

Muita felicidade devido a aprovação e saber de um novo caminho e um novo horizonte para minha vida profissional (P2).

[...] sentimento de responsabilidade, de compromisso, de concluir mais um sonho (P4).

Foi muito bom! Tive uma sensação de grande vitória pessoal (P5).

No espaço acadêmico, as vivências de prazer são possibilitadas pelo reconhecimento, levando à satisfação pessoal (MENDES, 2007a). Para Lima (2013) o reconhecimento é uma forma de retribuição simbólica, resultante de ação realizada pelo sujeito, por intermédio de sua inteligência no trabalho, pelo engajamento de sua subjetividade no trabalho.

[...] penso em ser um profissional mais qualificado ao final do curso (P1).

[...] me formar um bom pesquisador e professor [...] É um crescimento profissional e pessoal. (P3).

[...] buscar mais conhecimento [...] ser um diferencial no mercado de trabalho (P2).

Existe valorização, reconhecimento um comprometimento muito grande, não é qualquer pessoa que está disposta a entrar no mestrado, você tem que ter um nível de comprometimento muito grande, penso que isto vai abrir portas futuramente (P7).

Quanto ao ritmo de envolvimento com as atividades acadêmicas, os pós-graduandos se mostram focados e empenhados no curso, sendo que alguns alunos precisam dividir as tarefas do curso com outros afazeres.

Meu ritmo é bom! Cumpro todas as tarefas exigidas (P5).

Sempre focado e empenhado, sempre (P1).

Cem por cento do meu tempo é para o mestrado, estudo todos os dias (P7).

[...] me dedico um pouco todos os dias, às vezes mais, às vezes menos, depende de cada momento, mas acredito que posso me dedicar mais. Eh... o fato de ser mãe, dona de casa, trabalhar fora, de dar conta de todos os compromissos familiar é um dificultador (P4).

Conforme Mendes (2007b) um dos sentidos do trabalho é o prazer. Esse prazer emerge, quando o trabalho cria identidade, possibilita aprender sobre um fazer específico, o que permite ao trabalhador se tornar sujeito da ação. Essa possibilidade existe desde que a organização ofereça condições para o desenvolvimento do profissional o que, conseqüentemente, alimenta o prazer e desarticula o sofrimento.

Para 25,0% dos respondentes, a realização profissional atinge médias superiores a 4,0, cabendo interpretar que esse reconhecimento, vinculado ao prazer no contexto acadêmico, cria um vínculo de identificação com a instituição e a formação de identidade profissional, lembrando que trabalhar envolve desejos, afetos e emoções (SZNELWAR; UCHIDA; LANCMAN, 2011).

Penso que quando tiver o título de mestre, no futuro, que isso vai abrir portas para mim, que isto vai abrir novas possibilidades, penso que isso vai me acrescentar profissionalmente (P7).

Os pesquisados destacam também compromissos relevantes do curso, como participação, disponibilidade, empenho, compromisso, assiduidade nas aulas, o que demonstra grande interesse dos pós-graduados a formação acadêmica. Para os mestrados pesquisados em relação à realização profissional, apesar da pressão e da carga excessiva, o prazer está relacionado ao orgulho naquilo que eles acreditam, o que conquistam durante o curso. Para Dejours (1992), a realização com a profissão tende a reduzir o sofrimento.

O prazer está mais ligado com o conhecimento que a gente adquire ao longo do curso sabe... A gente entra com uma cabeça e sai com outra, completamente diferente, muito mais crítico com as coisas. Dar aula, pra mim, foi o melhor até o momento. [...] foi muito desafiador e prazeroso. Publicar também é muito bom. Te dá uma sensação de importância, de ter feito algo grande pra gerar conhecimento (P2).

Alegria na convivência com os outros mestrados, satisfação por estar em contato com professores altamente qualificados, realização por estar adquirindo conhecimentos e vivenciando o ambiente acadêmico (P6).

É uma jornada prazerosa, uma jornada de muito crescimento [...] (P7).

No contexto específico da Administração, Bispo e Helal (2013), revelam que as expectativas estão associadas ao sentimento de prazer pelos discentes na pós-graduação. Além destes, os autores elencam a expectativa de melhoria das condições vida, como autonomia financeira e emancipação da família.

[...] promoção profissional e também aumento de salario (P2).

[...] proporciona uma realização pessoal. [...] garante um aumento nos proventos da minha aposentadoria, proporcionando uma melhor condição econômica (P6).

Promoção profissional acho que não, mas uma promoção pessoal, sensação de realização (P7).

Quanto ao fator *vivência de sofrimento*, reportando-se ao esgotamento, à vivência de frustração, à insegurança, à inutilidade, ao desgaste e ao estresse (MENDES;

FERREIRA, 2007), observou-se média moderada de 3,57, o que representa, ainda que parcialmente, o esgotamento emocional, a deterioração, a sobrecarga com as atividades desenvolvidas ao longo do curso. Dejours (1992) considera que as pressões do trabalho que põem em risco o equilíbrio psíquico e a saúde mental, derivam da organização do trabalho. De um lado, a questão do interesse e do tédio do trabalhador, e de outro, as relações que os trabalhadores estabelecem entre si no local de trabalho.

Nunca está bom o suficiente, sempre tem que alterar muita coisa. É muito esforço pra pouco ou quase nenhum reconhecimento. É complicado lidar com isso. Não tem um "obrigado"; "parabéns"; "é isso aí; continue assim". É só cobrança (P3).

[..] tudo que eu produzia estava ruim, não estava bom, era dito: você precisa trazer coisas novas, precisa ler. Muito fatigante (P4).

Quando estou apresentando um trabalho, o professor fica aéreo em sala de aula, ele muita das vezes está presente só de corpo e não de mente (P1).

Tenho dificuldades para cumprir prazos e produzir trabalhos de qualidade somente com o conhecimento adquirido em uma disciplina ministrada com poucas horas/aula e pouco aprofundamento (P6)

Para 25,0% dos respondentes, a vivência de sofrimento atinge médias superiores a 4,29. Para Mendes (2007a), o sofrimento se apresenta como uma reação, uma manifestação da resistência, na presença de um esgotamento emocional ou profissional, o que muitas vezes pode se manifestar em quadros de depressão, estresse, isolamento, baixa autoestima (BARRECHEGUREN, 2018; MORATTO, 2017).

Ansiedade; estresse; dores musculares; desânimo, etc... É difícil lidar com as demandas do curso e do orientador [...] (P3).

Estou ansioso para acabar e cumprir todas as atividades e tarefas, não dou mais conta (P5).

Ansiedade, falta de sono, medo estão presentes no meu dia a dia (P1).

Sentimento de incapacidade para produzir intelectualmente com qualidade e no prazo exigido. Sinto muito angústia e ansiedade. (P6).

[...] muitos sentimento de sofrimento já foram despertados, tenho a sensação de que não vou dar conta, de muito estresse, horas sem dormir (P7).

Dejours (1992) também acrescenta que a forma de que se reveste o sofrimento varia de acordo com o tipo de organização do trabalho, ou seja, essa nova organização do trabalho - produtivista/capitalista - pode ser a grande responsável pela fragilização mental dos pós-graduandos, remarcando que o trabalho repetitivo cria insatisfação, cujas consequências não se limitam a um desgosto particular.

Quanto à *falta de reconhecimento*, traduzido como vivências de injustiça, desvalorização e não reconhecimento do desenvolvimento acadêmico (MENDES; FERREIRA, 2007), a média dessa variável alcançou escore baixo de 2,82. Esse dado indica que, em algum momento ou raramente, o pós-graduando se sente desvalorizado com as atividades que desenvolve.

Durante o curso, são poucos os que valorizam nosso esforço sabe?! Acho que deveria que ter um pouco mais de reconhecimento com o mestrando, até pra dar uma motivação maior. Porque é sempre muita cobrança, muita pressão, muita perfeição (P3).

Dejours (1992) reforça que a exploração do medo aumenta a produtividade, exerce uma pressão no sentido da ordem social e estimula o processo de produção de macetes e dicas, indispensáveis ao funcionamento da instituição. O autor reforça que o medo partilhado cria uma verdadeira solidariedade na eficiência.

Tento cumprir com a tarefa. Faço de tudo pra isso. Perco o sono, a paz, momentos de lazer com a família pra poder resolver logo e ficar livre da pressão (P3).

Tento concentrar no que fazer e como fazer para eliminar e superar aquela situação, pra acabar rápido (P5).

Entretanto, para 25,0% dos respondentes, a média de falta de reconhecimento alcançou escores superiores a 3,57, o que indica que os adjetivos desvalorização, ausência de reconhecimento e injustiça são despertados no pós-graduando ao longo da vida acadêmica, ocasionado sofrimento na sua formação.

Para Brant e Manayo-Gomez (2004), Dejours (2008) e Moraes (2013), o sofrimento se manifesta de formas diferentes para cada indivíduo, isto é, os indivíduos tendem a perceber o sofrimento de maneira diferente.

Às vezes fico me perguntando se é isso mesmo que quero pra minha vida. É muita pressão, muitas críticas e quase nenhum reconhecimento (P2).
[...] sinto insegurança e frustração em ver a profissão mais importante do mundo que é a de professor ser cada vez mais desvalorizada (P1).

Apesar de sentimentos como medo e ansiedade acompanharem os alunos, os pesquisados destacam o reconhecimento como ponto positivo para deprimir o sofrimento.

Faria tudo novamente, está sendo muito compensador (P1).
[...] é muito bom estar aqui (P2).
Sem dúvida, faria novamente todo o percurso (P7).

Por fim, a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento, traduz em uma ambivalência vivenciada pelos pesquisados. Como vivências de prazer na construção da identidade discente, em relação à realização, valorização, orgulho, como também vivências de sofrimento, por vezes marcadas pelo medo, insegurança e injustiça, conforme descrito por Freitas (2005), Vilela (2010) e Gradella Júnior (2010).

5.4.3 Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho

A Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho é composta pelos fatores: danos físicos, psicológicos e sociais (MENDES; FERREIRA, 2007), sendo considerada média elevada, acima de 4, como vivência de sofrimento.

Em relação ao *dano físico*, descrito como dores no corpo e distúrbios biológicos (MENDES; FERREIRA, 2007), a média dessa variável alcançou o escore mais baixo em relação aos demais construtos, ou seja, 2,59. Esse dado indica a baixa representatividade dos pesquisados em relatar dores no corpo e/ou distúrbios biológicos. Porém, para 25,0% dos respondentes, a média de dano físico alcançou

escore superior a 3,17, o que sugere que a fadiga, o esgotamento do corpo encontram-se presentes na formação acadêmica do aluno, embora insuficiente para gerar apatia pela organização do trabalho (DEJOURS, 1992).

Sinto ansiedade e falta de sono, minha gastrite piorou (P1).

Adoeci muito. Tive crise de ansiedade, problemas físicos de saúde, angústia, quase uma depressão (P4).

Afetou muito minha saúde, engordei, as gripes e ansiedade aumentaram, muito cansaço físico e mental (P5).

Tive um problema físico, por conta da qualificação, tive que desenvolver um novo capítulo na minha dissertação, fiquei a semana inteira sem dormir, dormia 2 horas por dia, eu virava à noite no computador, o que me causou dores nas mãos, meu ombro adormeceu, foi uma semana muito exaustiva pra mim (P7).

Afinal, as doenças adquiridas, a fadiga, o discurso de ocupação atrelado ao ambiente de pós-graduação, as exigências da CAPES tornam-se realidade na prática da pesquisa na pós-graduação, legitimando um tipo de mercado como colocado por Antunes (2012) ao escrever sobre a questão da nova configuração do trabalho. Doenças e fadigas não se vinculam somente à prática de pesquisa, mas se estendem ao mundo da vida do pós-graduando.

No que se refere a *dano social*, definido como isolamento e dificuldade nas relações familiares e sociais (MENDES; FERREIRA, 2007), verificou-se média baixa de 2,75. Esse dado indica, apesar da baixa representatividade, que a desistência e a renúncia podem representar sinais de fracasso numa sociedade que responsabiliza o indivíduo (enclave de uma ideologia liberal) e o culpa por sua incapacidade (VALADARES, *et al.*, 2014).

Já tive vontade de mandar tudo pro alto, vontade de desaparecer, mas como o investimento financeiro é alto não tive coragem, então decidi olhar pra frente e continuar, mas não é fácil (P4).

Já tive vontade de abandonar tudo, ficava me perguntando se é realmente necessário tudo isso pra ser feliz, será que compensa, é tão caro (P7).

Em contrapartida, para 25,0% dos respondentes, a média de dano social alcançou escore superior a 3,20, o que indica medianamente que, a aceleração do ritmo do trabalho, afeta as relações sociais e familiares. Observou-se em outras pesquisas, como na de Araújo e Helal (2013), que o conflito nas relações familiares se mostra presente na vida do pós-graduando.

Bom, acredito que não prejudicou, mas tive que me afastar da minha família, pois sempre tinha tarefas para realizar e me trancava no quarto (P1).

Depois que comecei o mestrado, percebi que mudei muito meu jeito de ser, principalmente em casa... Não consigo estar 100% relaxado pra poder aproveitar com eles. Fico muito no meu canto, fazendo as coisas do mestrado, lendo ou pensando no que tenho que fazer... Quase não saio de casa e, às vezes, me sinto culpado em sair e deixar de fazer alguma tarefa do curso (P3)

[...] como fico mais em casa a maior mudança aconteceu com minha família (P4).

Os pós-graduandos também relatam que conciliar família e trabalho, incluído aqui o trabalho imaterial, é um grande desafio, diante das exigências para a realização e conclusão do curso, conforme se percebe nos relatos.

Conciliar família e trabalho com estudos é um grande desafio, às vezes eles não entendem (P1).

O tempo corrido também é um problema, principalmente pra mim, que trabalho e tenho que dar aula de segunda a quinta (P5).

Depois que comecei o curso, tive muito conflito com a família, não tenho mais convívio social com a família. Fico muito ausente em vários compromissos como aniversários, almoços, e aí as pessoas te veem como chata (P7).

Quanto ao fator *dano psicológico* relacionado aos sentimentos negativos em relação a si mesmo e à vida em geral, verificou-se média baixa de 2,83, que indica que, em algum momento ou raramente existem presença de sentimentos negativos, como tristeza, incapacidade, vontade de desistir de tudo.

[...] tenho medo de não conseguir concluir mestrado. Parece que está distante da minha realidade (P4).

Quando não consigo cumprir os prazos vem um sentimento de incapacidade para produzir nos moldes estabelecidos pela academia (P6).

[...] no lado psicológico vejo que gera um conflito muito grande, uma sensação de pressão (P7).

Me sinto pressionada para as tarefas, meu marido me ajuda a pagar, então tem também a questão financeira, que é muito caro (P7).

Entretanto, para 25,0% dos respondentes, a média dessa variável alcançou escore superior a 3,40, o que afirma a existência do sentimento negativo vivenciados pelos pesquisados, contudo ainda é possível encontrar prazer naquilo que se pretende.

Ao mesmo tempo que é muita pressão, tem a satisfação de conseguir cumprir com os desafios que os professores impõem. Nesse aspecto uma coisa compensa a outra. Mas mesmo assim, é mais sofrimento do que prazer, eu acho (P3).

No início era mais prazer, mais entusiasmo, depois com o tempo, devido ao volume de coisas que se tem pra fazer, você percebe que o sofrimento é bem presente (P7).

Enfim, na escala Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho, constatou-se, ainda que em baixa escala ou raramente, a presença de sentimentos como a incapacidade de realizar tarefas, de isolamento e conflito nas relações familiares tendem a uma avaliação negativa, podendo causar sofrimento aquelas pessoas que rodeiam o pós-graduando.

Conforme Freitas (2011), vivências de sofrimentos causadas pela exaustão mental, emocional, física, não invalidam o prazer permitindo que a vivência acadêmica tenha gratificações mais de ordem simbólica do que real.

5.5 Avaliação da relação entre as variáveis de interesse e o tempo regularmente matriculado no mestrado

A relação entre as variáveis de interesse e o tempo regularmente matriculado no mestrado foi avaliada a partir das medidas descritivas constantes na TAB. 6

Tabela 6 – Avaliação da relação entre as variáveis de interesse e tempo regularmente matriculado no mestrado

Tempo regularmente matriculado no mestrado		CA	CG	LE	RP	VS	FR	DF	DS	DP
Acima de 19 meses	Média	3,09	4,04	3,64	3,62	3,54	2,69	2,61	2,61	2,78
	Mediana	3,14	4,00	3,57	3,88	3,43	2,71	2,67	2,60	2,90
	Desvio padrão	0,77	0,80	0,86	0,99	0,84	0,80	0,81	0,77	0,73
	Mínimo	1,71	1,90	2,00	1,13	2,14	1,14	1,08	1,40	1,00
	Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	3,86	4,17	4,60	4,00
	3º quartil	3,57	4,70	4,43	4,31	4,00	3,43	3,08	3,20	3,20
De 13 a 18 meses	Média	3,26	4,22	3,48	3,41	3,55	2,89	2,48	2,79	2,84
	Mediana	3,29	4,30	3,43	3,25	3,57	2,71	2,25	3,00	2,90
	Desvio padrão	0,82	0,63	1,08	0,98	1,07	1,02	0,86	0,85	1,16
	Mínimo	1,29	1,90	1,14	1,00	1,00	1,00	1,00	1,20	1,00
	Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	4,42	4,20	4,90
	3º quartil	3,57	4,80	4,36	4,06	4,43	3,57	3,08	3,20	3,45
De 7 a 12 meses	Média	3,07	4,00	3,50	3,31	3,75	3,36	2,77	2,75	3,13
	Mediana	2,93	3,90	3,50	3,25	3,86	3,64	2,46	2,70	3,25
	Desvio padrão	0,89	0,59	0,41	0,53	1,17	1,33	0,86	0,85	1,24
	Mínimo	2,14	3,40	3,14	2,75	2,29	1,57	2,17	1,80	1,60
	Máximo	4,29	4,80	3,86	4,00	5,00	4,57	4,00	3,80	4,40
	3º quartil	3,96	4,60	3,86	3,84	4,82	4,46	3,69	3,60	4,25
Há 6 meses	Média	3,17	4,07	3,51	3,20	3,65	2,83	2,80	2,99	2,84
	Mediana	3,00	4,15	3,50	3,13	3,71	2,64	3,08	2,90	3,10
	Desvio padrão	0,99	0,61	0,99	0,53	0,79	1,05	0,93	0,75	0,90
	Mínimo	1,29	2,80	2,00	2,25	2,14	1,29	1,17	2,00	1,40
	Máximo	5,00	5,00	5,00	4,00	5,00	4,57	4,17	4,80	4,50
	3º quartil	3,86	4,45	4,43	3,66	4,29	3,71	3,42	3,45	3,53

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nota: CA – Custo Afetivo; CG – Custo Cognitivo; LE – Liberdade de Expressão; Realização Profissional; VS – Vivência de sofrimento; FR – Falta de Reconhecimento; DF – Danos Físicos; DS – Danos Sociais; DP – Danos Psicológicos.

Para uma avaliação geral da TAB. 6, observa-se que as médias descritas nos fatores por tempo de matrícula no mestrado, variam entre baixa e moderada, o que permite relatar a existência de vivências de prazer e sofrimento nessa psicodinâmica do trabalho intelectual.

Observa-se também que, ao longo da formação do pós-graduando, a Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho, composta pelos fatores danos físico (DF), social (DS) e psicológico (DP), apresentam médias inferiores a 2,99, que permite afirmar a existência de sentimentos positivos, de vivências de prazer como alegria, de satisfação em relação a si, tanto como o apoio dos colegas e família.

Outro destaque refere-se à Escala de Custo Humano e Trabalho, representada pelos fatores custo afetivo (CA) e cognitivo (CG). Percebe-se no fator cognitivo,

tendo como média acima de 4, considerada alta, que os pesquisados, ao longo da trajetória acadêmica, são submetidos a um dispêndio intelectual, obrigados a usar a memória de forma contínua, submetidos a desafios intelectuais e esforço mental e estimulados a fazer uso da criatividade na elaboração e produção dos trabalhos acadêmicos.

O desafio intelectual é uma motivação para não desistir. Sinto uma angústia muito grande para corresponder às exigências dos desafios intelectuais do mestrado (P6).

Reforçando Freitas (2007), Luz (2005), Barrecheguren (2018) o sentimento negativo pode ser despertado, desde uma simples dor até mesmo o esgotamento da capacidade física e intelectual, extravasando sentimentos de incapacidade, conforme descrito no fator cognitivo.

As exigências dos cursos de pós-graduação estão aumentando e com ele os índices de alunos com doenças mentais (P6).

Entretanto, nesta psicodinâmica, evidenciam-se o prazer e a motivação, que alimentam e reforçam tanto o trabalhador como o pós-graduando naquilo que se propuseram fazer e realizar.

5.6 Estratégias de enfrentamento do sofrimento mediante a formação acadêmica

Os pós-graduandos têm uma série de responsabilidades a serem atendidas em curto espaço de tempo: atividades relacionadas às disciplinas, produção de artigos e desenvolvimento da dissertação. Os estudantes são submetidos a um ambiente que demanda adaptações para resistir às pressões (BASTOS *et al.*, 2017).

Gosto de fazer as coisas bem feitas. Nunca deixo as atividades pra última hora e sempre faço com muito empenho. A todo o momento eu estou pensando algo sobre o andamento do curso sabe. É até estressante. Fico ansioso às vezes, tenho medo de errar, de não cumprir com os prazos, de não ser merecedor do título de mestre. Quando as demandas estão pesadas

demais, costumo acordar umas 5 da manhã para dar conta de tudo. É muita coisa (P3).

Para Mendes e Muller (2013), o trabalho propicia ao sujeito uma mobilização subjetiva, uma atividade psíquica capaz de evitar o sofrimento e resignificar sua relação com o trabalho. Assim, a psicodinâmica do trabalho tem o intuito de estudar a saúde psíquica no trabalho e privilegia a relação entre o sofrimento psíquico, procedente dos conflitos entre o sujeito e o ambiente de trabalho e as estratégias de mediação adotadas pelos trabalhadores, para lidar com o sofrimento e transformar o trabalho em fonte de prazer (BARROS; MENDES, 2003).

De acordo com Dejours (1996) o indivíduo exposto ao sofrimento pode se tornar criativo e através de uma inteligência genuína é capaz de subverter ou transgredir as normas da organização de trabalho. Destaca-se o quanto é importante promover a escuta dos profissionais, quando estes elaboram defesas individuais e coletivas contra o sofrimento.

Dessa forma, Ferreira e Mendes (2003) acrescentam que as estratégias de mobilização coletiva representam o modo como os trabalhadores agem em coletividade, em espaço público de discussão e da cooperação, com o intuito de encontrar alternativas de saídas para o sofrimento, de fazer a gestão das contradições transformando a organização em fonte de prazer e bem-estar no decurso das relações sociais.

A gente conversa muito, todos relatam as dificuldades ora em casa com a família, ora no trabalho, ora com o orientador, somos o apoio um dos outros. Estamos sempre nos ajudando (P4).

Almoçar ou lanche com os colegas nos intervalos entre as aulas, confraternizações fora do ambiente acadêmico e convidar um colega para tomar um café e jogar conversa fora são algumas estratégias que ajudam bastante (P6).

Mendes (2007b) considera que à medida que o sujeito fala sobre si, ele toma consciência de seu comportamento e colabora para a mudança da sua percepção a respeito da situação vivida. A autora acrescenta que a produção da fala deve ocorrer

no coletivo do trabalhador, em torno das vivências experimentadas por todo o grupo submetido ao um mesmo modelo de organização do trabalho.

O sofrimento é o espaço intermediário que marca a luta entre o funcionamento psíquico e as pressões existentes no ambiente de trabalho (DEJOURS, 1996). Em muitos casos, esforços utilizados para lidar com o sofrimento geram descobertas e criações úteis para o indivíduo, transformando a situação em algo positivo (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013), proporcionando estratégias de enfrentamento aos sentimentos negativos causados pela academia conforme relatos abaixo:

O relacionamento com a maioria dos colegas ajuda a aliviar a tensão. Podemos compartilhar nossas dificuldades, angústias e progressos com pessoas que estão passando pela mesma situação e podem nos compreender, apoiar, incentivar e até ajudar intelectualmente. Quando compartilhamos sentimentos semelhantes, percebemos que não estamos sozinhos, que mais pessoas pensem e sentem as mesmas dificuldades. Assim, ao mesmo tempo que incentivamos os colegas, incentivamos nós mesmos. Criamos vínculos de autoajuda (P6).

Existe muita cooperação, muita solidariedade, se não fossem os amigos acredito que a possibilidade de um desequilíbrio seria muito maior. A gente conversa muito, todos relatam as dificuldades ora em casa com a família, ora no trabalho, ora com o orientador, somos o apoio um dos outros. Estamos sempre nos ajudando (P4).

[...] quando converso com amigos vejo que todos estamos no mesmo barco e com as mesmas dificuldades para conciliar os estudos, com família, trabalho e vida social (P1).

O que me ajuda a aliviar a tensão no mestrado é fazer atividade física, fiz ioga, é o que me ajuda a dormir, a cuidar mais de mim, isto me relaxa. Gosto de aula de piano, leitura de outros assuntos, assistir filmes (P7).

Estratégias que merecem destaques referem-se à religião e à música. Os pós-graduandos consideram estas possibilidades como aliadas no enfrentamento do sofrimento durante sua formação acadêmica.

A primeira estratégia na verdade é o meu choro, as lágrimas aliviam as minhas angústias. Em alguns momentos ouço música, acredito que seja uma forma de aliviar as minhas tensões. A religião, a espiritualidade me ajuda a estabelecer o equilíbrio, e converso muito, falar faz externalizar minhas dores, falo muito, isto ajuda também a manter meu equilíbrio (P4).

Faço terapia. Passo momentos agradáveis com minha família. Assisto a filmes nas horas vagas. Leio revistinhas em quadrinhos. Ouço música (P6).

A música, mais do que qualquer outra arte, tem uma representação neuropsicológica extensa, com acesso direto à afetividade, controle de impulsos, emoções e motivação (WEIGSDING; BARBOSA, 2014). A capacidade da música em influenciar o estado emocional do indivíduo se deve ao fato dela produzir reações fisiológicas, cuja magnitude parece depender do conteúdo emocional. Portanto, a percepção musical envolve muitas variáveis e áreas encefálicas e é capaz de influenciar o corpo através das reações emocionais e fisiológicas (CARTER, 2009).

Para Weigsding e Barbosa (2014) a musicoterapia também auxilia a minimizar os sinais e sintomas de várias doenças, pois melhora a comunicação, expressão, organização e relacionamentos. A música é indicada para o desenvolvimento de potenciais e recuperação de funções, com objetivos terapêuticos relevantes que envolvem a melhora das necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas do indivíduo.

Já o envolvimento religioso se configura como variável que vem ganhando relevância e reconhecimento como indicador de saúde. A religião influencia o cotidiano, os hábitos e a relação dos sujeitos com o mundo. Nela estão inseridos normas, valores, ideais e objetivos revestidos de humanidade capazes de interligar as pessoas por seu valor universal como também promove melhor qualidade nas relações (BORGES; SANTOS; PINHEIRO, 2015).

Como disse busco forças em Deus meu criador e também foco, que o final é compensador (P1).

Assim sendo, as estratégias defensivas se inserem entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico como um amortecedor que ameniza as pressões

organizacionais do ambiente de trabalho (BASTOS *et al.*, 2017). O enfiamento do sofrimento ou o sofrimento criativo proporciona ao indivíduo transformar a experiência frustrante em fonte de prazer ou, ainda, de amenizar as vivências de tristeza.

5.7 Projetos futuros com base na experiência do prazer e sofrimento diante desafios na formação acadêmica

Diante os desafios encontrados ao longo da vida acadêmica, os pós-graduandos destacam grandes expectativas para a finalização do curso. Fica evidente que a maior expectativa está na promoção profissional atrelada à promoção da capacitação e qualificação dos pesquisadores.

[...] eu sinto que as coisas vão melhorar e eu vou ter mais ganhos materiais e profissionais depois que o mestrado acabar. Pelo menos assim eu espero né? (P5).

Os entrevistados relataram os motivos que os levaram ao curso de mestrado acadêmico. Percebe-se nas falas destes que há uma expectativa de melhoria das condições de vida. Eles percebem a formação acadêmica como instrumento de melhores oportunidades nas empresas e/ou instituições que trabalham.

[...] tenho expectativas profissionais na instituição que leciono e no âmbito pessoal, considero uma vitória, principalmente depois de tudo que passei até chegar aqui (P4).

Percebo que trará ganhos pessoais e profissionais. Eu digo isso porque meu salário aumenta com a titulação e isso é fato! E pessoalmente é uma vitória, né? Obter o título mexe no ego da gente principalmente por causa de todo o esforço (P5).

Percebo uma promoção profissional e também aumento de salário. Mas antes de tudo isto, uma promoção e ampliação do conhecimento e do aprendizado (P2).

Os entrevistados percebem também que a exigência de qualidade e quantidade das atividades favorece o crescimento pessoal.

Esforços e desafios são as leituras demasiadas de muitos artigos e livros, mas um esforço de vitória e desafio de prazer da conquista do aprendizado e do diferencial de ser o melhor (P2).

Penso que quando tiver o título de mestre, no futuro, que isso vai abrir portas para mim, que isto vai abrir novas possibilidades, penso que isso vai me acrescentar profissionalmente (P7).

Destaca-se também entre os entrevistados o desejo de lecionar ou aprimorar o conhecimento. Estar presente na academia como professor universitário fomenta a importância do professor na construção do pensamento e no desenvolvimento das competências dos indivíduos ali inseridos.

[...] desejo de seguir a carreira acadêmica, principalmente como professor (P3).

[...] me dedicar à docência e à pesquisa [...] atuar como professora profissionalmente (P6).

[...] minha expectativa é lecionar, gosto da docência, gosto de desenvolver equipes, de ensinar, com o mestrado posso compartilhar conhecimentos (P7).

Enfim, os pós-graduandos revelam a importância do mestrado em suas vidas e, apesar da pressão e da carga excessiva, conseguem superar as dificuldades, derrubar barreiras e seguir em frente.

5.8 A produção acadêmica na percepção dos pós-graduandos

No que diz respeito à pós-graduação no Brasil, o sistema de avaliação é centrado no produtivismo, fazendo com que os professores sejam forçados a focar na quantidade em forma de textos, seminários, artigos produzidos e publicados, e não na qualidade, como a análise, reflexão e crítica, gerando o distanciamento do propósito pedagógico da formação acadêmica (GRADELLA JÚNIOR, 2010).

Muito trabalho acadêmico proporciona pouco conhecimento acumulado necessário para produzir com qualidade. Há um descompasso entre o que é ensinado, como é ensinado e o que é exigido (P6).

O produtivismo acadêmico é entendido como um fenômeno derivado dos processos de regulação e controle, em particular, os de avaliação, que se caracterizam pela excessiva valorização da quantidade de produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade (SGUISSARDI, 2010).

Sou obrigada a realizar uma produção medíocre que me deixa frustrada. Me sinto uma pseudopesquisadora (P6).

A lógica de mercado é vista como um crivo para as atividades acadêmicas. O produtivismo supera a reflexividade no trabalho dos pós-graduandos em Administração, transformando os alunos em "não doutos especialistas, em escriturários acadêmicos" (RAMOS, 1981, p. 114).

Freitas (2011) reforça que instituições de ensino e institutos de pesquisa em todo o mundo se defrontam com uma realidade que clama por respostas rápidas e inéditas aos novos problemas sociais, tornando os discentes e pesquisadores que delas participam em produto altamente competitivo no mercado capitalista.

Segundo Alcadipani (2011a), o produtivismo acadêmico torna-se um processo de pesquisa de produção em massa. Nesse sentido, o tempo para reflexão é deixado de lado, a formação do aluno é camuflada e superficial e o desenvolvimento intelectual significa apenas números em uma tabela.

Dessa forma, se estabelece a exigência de maior empenho por parte do indivíduo. A análise da intensidade do trabalho intelectual está voltada para os resultados e essa intensificação garante resultados quantitativamente superiores (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013).

Acho impossível absorver um conteúdo relevante num espaço de tempo tão reduzido para realizar uma produção acadêmica de qualidade. Nem mesmo um professor pesquisador experiente produz um artigo de qualidade nestas condições. A instituição está priorizando o produtivismo (P6).

[...] é uma fábrica de artigos, uma produção em massa que muitas vezes peca pela qualidade, principalmente pensando que o programa perde ponto com a Capes (P7).

Percebe-se a falta de compromisso com o avanço e aprofundamento do conhecimento, tornando as publicações sem qualidade, com assuntos repetitivos, sem conteúdos relevantes, o que compromete o conhecimento científico (FREITAS, 2011).

Grande parte das disciplinas pedem artigo como produto final, vejo que é algo que o aluno faz apenas para cumprir requisitos. O trabalho é dividido entre o grupo, cada um faz uma parte, enfim, um trabalho sem sentido, um copia e cola sem o desenvolvimento criativo do aluno (P4).

Existe uma superficialidade dos artigos, ter que cumprir os requisitos da disciplina, você produz sem muito interesse, até porque muitas vezes não é do assunto de interesse da pessoa. Depois você não aproveita nada daquilo (P7).

Para Alcadipadi (2011a), a formação do aluno é camuflada e ensinada com superficialidade e o desenvolvimento intelectual passa a significar apenas números, contribuindo com a falta de compromisso com o avanço e o aprofundamento do conhecimento (FREITAS, 2011).

Você produz artigos por obrigação, porque é uma coisa que vai agradar alguns e desagradar a grande maioria. São temas que na maioria dos casos, não é do seu interesse, nem vai agregar muito pra sua formação. Nesse caso, fica uma coisa muito forçada e estressante. Não fica um trabalho muito bom e nem agrega conhecimento (P3).

A produção acadêmica imposta pelas disciplinas favorece a produção de uma colcha de retalho para cada disciplina, sem sentido, sem novidades (P2).

Dessa forma, qualquer diminuição no número de artigos comprometeria o sistema de pontos, gerando um déficit institucional e pessoal para o grupo. Portanto, a possível solução para escoar a produção e manter os índices em alta seria de criar uma série de práticas voltadas a resolver o problema dos índices, como visto nas instituições de ensino superior (ROSA, 2008).

Finalmente, para a produção científica, deve-se considerar o amadurecimento de uma ideia, que, de acordo com a associação feita por Honoré (2005) entre

qualidade, quantidade e tempo de produção, precisa ocorrer “devagar” para ter qualidade.

6 CONCLUSÕES

As Instituições de Ensino Superior (IES) passaram por um processo de reorganização da produção e do trabalho, impondo uma nova lógica às rotinas acadêmicas em um ambiente competitivo e dinâmico, favorecendo a agregação de novas tarefas ao cotidiano docente-discente e o prolongamento do tempo de trabalho (GENTILI, 1995; COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011; ALCADIPANI, 2011a; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2011).

Conforme Mendes (2007b) um dos sentidos do trabalho é o prazer. Esse prazer emerge quando o trabalho cria identidade, possibilita aprender sobre um fazer específico, permitindo ao trabalhador se tornar sujeito da ação. Essa possibilidade existe desde que a organização ofereça condições para o desenvolvimento profissional que, conseqüentemente, alimenta o prazer e desarticula o sofrimento.

O sofrimento se apresenta como uma reação, uma manifestação da resistência e da insistência em viver em um ambiente precarizado, diante de um esgotamento emocional e profissional, abrindo caminho para o adoecimento (MENDES, 2007a).

Diante o exposto e, considerando a atividade intelectual desenvolvida pelos pós-graduandos como sinônimo de trabalho, este estudo teve por objetivo geral descrever e analisar, diante configuração da psicodinâmica, as manifestações de prazer e sofrimento do aluno no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração, de instituições privadas, na cidade de Belo Horizonte, MG.

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado um estudo multicaso, de caráter descritivo, utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa, configurando uma triangulação metodológica.

Definiu-se como unidade de observação 03 instituições privadas credenciadas para oferta dos Cursos de Mestrado Acadêmico em Administração, sendo um Centro Universitário e duas Universidades. Estas IES se destacam por estar há mais

de 10 anos no mercado educacional. A unidade de análise foi composta pelos alunos inseridos neste ambiente.

Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados a 108 pós-graduandos, o que representa 47% da população pesquisada, tendo sido entrevistados 07 estudantes do curso de Mestrado Acadêmico em Administração. Destaca-se que, na abordagem quantitativa na variável gênero, o sexo feminino apresentou 52,8% de participação, enquanto o masculino apresentou 47,2%. Para a abordagem qualitativa, os entrevistados foram 04 homens e 03 mulheres.

Foi utilizado o Inventário Sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), instrumento estruturado cujo objetivo é traçar um perfil dos antecedentes, medidores e efeitos do trabalho no processo de adoecimento.

Foram utilizadas três das categorias do ITRA, como forma de identificação das manifestações de prazer e sofrimento do corpo discente para sua formação no curso de mestrado, sendo elas, o Custo Humano no Trabalho, Indicadores de Prazer e Sofrimento e Danos Relacionados ao Trabalho, sendo analisadas as manifestações em relação ao custo afetivo e cognitivo, liberdade de expressão, realização profissional, vivência de sofrimento, falta de reconhecimento, danos físicos, sociais e psicológicos.

Foram também identificadas nesta pesquisa as estratégias utilizadas pelos pós-graduandos para o enfrentamento do sofrimento, bem como foram relatados os projetos futuros com base nas vivências do prazer e sofrimento e, ainda, foram descritas a percepção dos entrevistados sobre a intensidade do trabalho intelectual, ou seja, o produtivismo acadêmico.

Com base nos dados quantitativos e qualitativos obtidos no estudo, os resultados indicam, claramente, a real existência das manifestações de prazer e sofrimento vivenciadas pelos pós-graduandos para a formação do curso de mestrado, onde a mesma experiência envolve satisfação, contentamento, bem-estar e, ainda, envolvendo tristeza, inquietação, incerteza. Um misto de sentimentos suscitados que coabitam o universo da pós-graduação.

O prazer é resultante do funcionamento equilibrado e coerente do indivíduo, em seus aspectos físico e psicológico. Como principais manifestações de prazer vivenciadas pelos pós-graduandos foram identificados sentimentos como desejos, afetos, emoções, satisfação pessoal. Percebe-se nesse estudo a gratificação dos pesquisados por estarem cursando o mestrado que, apesar dos desafios intelectuais e emotivos, demonstram satisfação nas atividades que realizam, principalmente quando o reconhecimento se traduz em crescimento pessoal e profissional e autonomia financeira.

Observou-se a existência do contentamento e reconhecimento pessoal na busca da formação acadêmica, como fonte de prazer, capaz de levar o aluno à obtenção de satisfação nas atividades que realiza. O relacionamento interpessoal, identificado como convivência entre amigos e colegas de sala, o bom relacionamento com os pares é tido como fundamental para a saúde psíquica dos pós-graduandos, gerando bem estar pessoal e prazer nas relações.

Conforme os pesquisados, as relações sociais, família e amigos, e a relação entre os professores em geral são vistas como um processo produtivo, na constituição de um relacionamento construtivo e efetivo para a geração de conhecimento. A inteligência prática, a organização do coletivo, via reconhecimento e cooperação, são constituidores da mobilidade subjetiva do trabalho que permitem a busca do prazer.

Os pós-graduandos relatam a importância do mestrado em suas vidas, mesmo diante da pressão, da excessiva carga de trabalho durante a formação acadêmica, mostram-se entusiasmados na reta final do curso, ansiosos pela conclusão, demonstram sentimentos de vitória, alegria, tendo a satisfação plena com a breve defesa da dissertação.

Nesse sentido, favorecendo a psicodinâmica do trabalho, observou-se que apesar de toda a magnitude de prazer que a criação intelectual proporciona a aquisição do conhecimento, é também uma fonte de desprazer. Os pós-graduandos relatam presença de sofrimento, consideradas a intensificação do trabalho e cobranças vivenciadas no meio acadêmico.

A sobrecarga também é um causador de sofrimento. Assim, as principais fontes de sofrimento vivenciadas pelos mestrandos, estão relacionadas a um desequilíbrio emocional, devido às pressões do cotidiano acadêmico, como angústia, medo, dúvida, ou ainda, quando da exigência de maior nível cognitivo para as atividades intelectuais. As vivências de sofrimento são marcadas pela insegurança, pela incapacidade, propiciando forte risco de adoecimento.

Na visão dos pesquisados, percebe-se a presença de sentimentos ambivalentes entre relações sociais e o fator falta de liberdade de expressão, o que torna fragmentada a convivência entre orientador-orientando, por vezes marcada por conflitos ou pela falta de credibilidade, ocasionando o adoecimento dos pós-graduandos, despertando o sentimento de incapacidade, podendo se constituir em potencial fonte de estresse.

Esses fatores realçam as vivências de sofrimento alimentadas pela pressão da formação, favorecendo sentimentos como angústia, estresse, baixa estima, que contribuem para a desvalorização das atividades desenvolvidas e o não reconhecimento pelo esforço acadêmico.

Na percepção dos pesquisados a fadiga, o esgotamento do corpo, o isolamento, as doenças psíquicas, os conflitos também estão presentes na vida dos pós-graduandos. No que se refere às relações sociais, os pós-graduandos tornam-se antissociais, relatam os conflitos vivenciados nas relações familiares, que se estendem por toda família, com cobranças e pressões internas, principalmente pelo valor econômico que é dispendido no curso.

Confirmando os estudos de Freitas (2007), Alcadipani (2011b), Moratto (2017) e Barrecheguren (2018), a manifestação de sentimentos negativos como ansiedade, preocupação, culpa pela incapacidade, perda da autoconfiança, permite relatar que os trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico representam risco à saúde, provenientes da precarização nesse espaço social.

Um destaque nesta pesquisa se refere à avaliação realizada entre as variáveis de interesse e o tempo de matrícula no curso de mestrado. Observou-se uma variação

entre as médias indicando, ao longo da trajetória da formação, a presença de sentimentos de prazer e sofrimento, prevalecendo o prazer de modo geral, sendo a variável custo cognitivo mais expressiva entre as demais, o que indica dizer que o dispêndio intelectual, o uso da memória e da criatividade são altamente exigidos dos pós-graduandos, independente da fase em que se encontram no curso, o que contribui para o esgotamento significativo da mente.

Desse modo, o sofrimento aqui se apresenta como uma reação, uma manifestação de resistência, quando do esgotamento emocional e profissional. Contudo para esse não reconhecimento, os pós-graduandos desenvolvem estratégias individuais ou coletivas, que visam transformar as situações geradoras de sofrimento em situações prazerosas, ou seja, a ressignificação do ambiente experimentado. Para isto, os pesquisados destacam o reconhecimento como ponto de repressão do sofrimento.

Diante das manifestações relatadas, ora de prazer, ora de sofrimento nesse ambiente duvidoso, estratégias de enfrentamento são habilmente desenvolvidas pelos pesquisados durante sua formação acadêmica. Os pós-graduandos preservam a convivência com os colegas de sala, o bom relacionamento com os pares, fundamental para a saúde psíquica do pós-graduando. Percebe-se que a fala e a troca de ideias colabora para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas no curso. A religiosidade e a música são fundamentais para amenizar a dor despendida no curso, segundo relatos dos pesquisados. A fala, o diálogo colaboram nas mudanças da percepção, a respeito da situação vivida. Por meio da fala é dada ao pós-graduando a oportunidade de se conectar com ideias que reprimem os sintomas atuais, transformando a situação negativa como algo positivo.

Já a música tem a capacidade de influenciar o estado emocional do indivíduo, proporcionando sentimentos suaves, capaz de influenciar todo o corpo através das reações emocionais e fisiológicas. E a religiosidade influencia no cotidiano daqueles que a consideram ponto vital nas realizações e desejos, ganhando relevância e reconhecimento como indicador de saúde.

Quanto aos projetos futuros, os pós-graduandos relatam as expectativas para a conclusão do curso, no que diz respeito às melhores oportunidades de trabalho, à

autonomia conquistada, à melhor qualificação e o desenvolvimento de competências atreladas à carreira.

Outro ponto a destacar pelos mestrandos refere-se à produtividade acadêmica, caracterizada pela superficialidade das produções em massa pelos pós-graduandos, onde os resultados são medidos pela quantidade, deixando de lado o comprometimento com a qualidade e com a produção do conhecimento científico.

Os pesquisados relatam ainda que a produção acadêmica se transforma em um fim em si mesmo, sem a produção inédita do conhecimento. As poucas exigências das disciplinas obriga o aluno a uma produção trivial, esfacelando o rendimento acadêmico e o aprendizado do aluno.

Diante das manifestações das vivências de prazer e sofrimento, a psicodinâmica do trabalho vem agregar toda a transformação do trabalho em fonte de prazer, sendo o trabalho intelectual, na perspectiva dos discentes, marcado por expectativas e realizações e pela sobrecarga de atividades, isto é, a mesma experiência envolve tanto prazer quanto sofrimento.

Exposta a questão, percebe-se o quanto é relativo os sentimentos suscitados ao longo do curso, para alguns pesquisados sinônimo de prazer, para outros, sofrimento e ainda quem relata vivências ambivalentes. Compreende-se que o meio acadêmico é marcado por exigências, seja da instituição, seja do próprio aluno, mas tudo em prol do conhecimento, do aperfeiçoamento das competências daquele que se dispõe a aprender – o aluno. De forma que cada pesquisado se sinta á vontade para encarar os desafios e fortalecer seu reconhecimento.

Espera-se com este estudo, a partir dos dados apresentados, contribuir e ampliar as pesquisas sobre prazer e sofrimento no trabalho intelectual, trazendo uma reflexão sobre a saúde dos pós-graduandos nesse ambiente marcado por sentimentos conflituosos. Espera-se ainda que as IES repensem a proposta da formação acadêmica do aluno, a fim de buscar alternativas do modelo já prescrito, uma vez que o alto nível de exigência cobrado pelos docentes, que por sua vez são cobrados

pelas instituições de ensino, venha favorecer um ambiente inadequado para o desenvolvimento intelectual dos discentes.

O estudo buscou também contribuir para o desenvolvimento científico, disponibilizando para a sociedade os impactos acerca da saúde mental, social e corporal dos alunos matriculados no curso de mestrado Acadêmico em Administração, mencionando as manifestações de prazer e sofrimento na formação acadêmica, podendo o estudo ser utilizado como fonte de consultas e estudos futuros.

Como sugestão para pesquisas futuras, reforçando que esta pesquisa se limitou ao estudo dos pós-graduandos no curso de Mestrado Acadêmico em Administração, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, sugere-se investigar as manifestações de prazer e sofrimento em pós-graduandos em outras áreas acadêmicas, como no Mestrado Profissional, como também no Doutorado, cursos tão almejados pelos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Caderno EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, dez. 2011a.

ALCADIPANI, R. A Academia e a Fábrica de Sardinhas. **Organizações & Sociedade**, v. 18, p. 345-348, abr-jun 2011b.

ANJOS, F. B. Avaliação do Trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. 65-70 p.

ANTUNES, R. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: **Infoproletários: a degradação do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. São Paulo: Boitempo, 2003.

ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho no Brasil: Reestruturação e precariedade. **Nueva Sociedad**, 1, 2012.

ARAÚJO, T. M, *et al.* Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 6-21, jun. 2005.

AZEVEDO, A. L. F; SANTOS, J. M. L. **A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional**: os contornos da constituição de um campo acadêmico. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14 n. 42, set./dez. 2009.

BARRECHEGUREN, P. O doutorado é prejudicial à saúde. **EL PAÍS**, 2018. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964_993420.html>. Acesso em 26 mar 2018.

BARROS, A. N.; ANDRADE, C. R.; GUIMARÃES, L. V. O Lugar do Trabalho na Psique dos Indivíduos: Luto, Melancolia e Auto-Aniquilamento do Ego. XXXII Encontro da ANPAD. 2008, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, set. 2008.

BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Psico-USF**, v. 8, n. 1, p. 63-70, 2003.

BASTOS, E. M, *et al.* Sofrimento e estratégias defensivas no ambiente acadêmico: um estudo com pós-graduandos. **Revista Interface**, v. 14, nº 2, jul-dez 2017.

BISPO, A. C. K. A; HELAL, D. H. A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: um estudo com mestrando em administração. **Revista de Administração FACES Journal**, v.12, nº 4, out-dez 2013.

BLANCH, J. M.; STECHER, A. La empresarización de universidades y hospitales. Informe preliminar de un estudio iberoamericano sobre cultura y subjetividad en el capitalismo organizacional. In: WITTKE, T.; MELOGNO, P. (Org.). **Producción de subjetividad en la organización del trabajo**: psicología y organización del trabajo X. Montevideo: Psicolibros Universitario, 2009. p. 191 -209.

BORGES, M. S.; SANTOS, M. B. C; PINHEIRO, T. G. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. p. 609-616, jul-ago, 2015.

BRANT, L. C.; MINAYO-GOMEZ. C. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 213-223, jan. 2004.

CAMARGO JR, K. Publicar ou perecer, ou perecer por publicar (em excesso)? **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 24 [2], p. 337-339, 2014.

CARTER, Rita. **The Human Brain Book**. 1. Ed. New York, USA: ISBN, 2009.

CARVALHO, D. P. A nova lei de Diretrizes e Bases e a formação de professores para a Educação Básica. **Ciência e Educação**, Bauru, vol. 5, n. 2, 1998, p. 81-90.

CAVALCANTE, L. M. S.; OLIVEIRA, H. C.; CAVALCANTE, S. M. A. Análise das Contribuições de Dejours para o Entendimento da Relação prazer / sofrimento no Trabalho do Profissional de Saúde Mental - Estudo de Caso em Centro de Atenção Psicossocial, em Fortaleza (CE). In: XXXIII Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração - EnAnpad – **Anais...** SP/SP - 19 a 23/set, 2009

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. **Mestres e doutores 2015** - Estudos da demografia da base técnico científica brasileira. – Brasília, DF, 348 p., 2016.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - Capes. **História e missão**. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em 31 mar 2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - Capes. **Mulheres são a maioria na pós-graduação brasileira**. Publicada em 08 mar 2017. Atualização 27 mar 2017. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8315-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-brasileira>>. Acesso em 14 jul 2018.

CODO, W. Psicopatologia do trabalho. In W. Codo. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004.

CORREA, S. M. B. B. **Probabilidade e estatística**. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2003.

COUTINHO, M. C.; MAGRO, M. L. P. D.; BUDDE, C. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. **Psicologia: Teoria e Prática** – Vol. 13, nº 2, São Paulo, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200012>. Acesso 05 abr 2018.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho**: a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. p. 149-173. In: CHANLAT, J. **O indivíduo na organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

DEJOURS, C.; JAYET, C.; ABDOUCHELI, E. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana a análise da relação de prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **Conferências brasileiras**: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap, 1999a.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999b.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v.14, n.3, p. 27-34, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004>. Acesso em 05 mar 2018.

DEJOURS, C. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. *In*: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores, Bauru: EDUSC, 1999.

FARIA, J.; MENEGHETTI, F. (Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, nº 1, artigo 3, Rio de Janeiro, p. 39-52, mar 2010.

FARIA, S. Número de pós-graduandos cresce no Brasil. **Ministério da Educação**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-2021081601>>. Acesso em 31 mar 2018.

FERNANDES, F. Depressão na pós-graduação. Como ajudar a quem precisa? **Associação Nacional de Pós-graduação**. Disponível em <<http://www.anpg.org.br/depressao-na-pos-graduacao-como-ajudar-a-quem-precisa/>>. Acesso em 30 abril 2018.

FERRASOLI, D. Área que mais capacita docentes é a que mais cresce no mestrado no país. **Folha de São Paulo**, 2018. Acesso em <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/01/1953342-area-que-capacita-docentes-e-a-que-mais-cresce-no-mestrado-no-pais.shtml>>. Acesso em jul 2018.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores fiscais da Previdência Social Brasileira**. Brasília: Edições LPA e FENAFISP, 2003.

FERREIRA, M. C.; ASSMAR, E. M. L. Fontes ambientais de estresse ocupacional e Burnout: tendências tradicionais e recentes investigações. In: TAMAYO, A. (Org.) **Estresse e cultura organizacional**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. cap.1, p. 21-73.

FIGUEIREDO, J. M. **Estudo sobre a satisfação no trabalho dos profissionais de informação de uma IFES**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Gestão) Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

FIGUEIREDO, J. M.; ALEVATO, H. M. R. A visão de prazer e sofrimento da psicodinâmica do trabalho ante a precarização e a intensificação do trabalho – breve reflexão. XXXIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Salvador, BA, 2013. **Anais...** Salvador: ENEGEP, 2013.

FONSECA, C. Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 261-275, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200014>. Acesso em 14 mar 2018.

FREITAS, C. E. S. **Trabalho estranhado dos professores do ensino particular em Salvador em um contexto neoliberal**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) . Brasília: UNB, 2005.

FREITAS, M. O pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n.4, p. 1158-1163, 2011.

GARDNER, S. K.; BARNES, B. J. **Advising and mentoring doctoral students: a handbook**. USA: Lexington, 2014.

GENTILI, P. Que há de novo nas novas formas de exclusão educativa? Neoliberalismo, trabalho e educação. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 1, p. 191-202, jan./jun. 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GODOI, C.; XAVIER, W. O produtivismo e suas anomalias. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, nº 2, p. 456-465, jun 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 2, p.57-63, mar/abr. 1995.

GRADELLA JR., O. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 1, p. 133-148, jan./jun. 2010.

GRISCI, C. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. **Revista de Administração Eletrônica**, v. 7, nº 1, art.4, 2008.

GUIA DO ESTUDANTE. **Capex divulga avaliação dos cursos de pós-graduação no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/pos-graduacao/capes-divulga-avaliacao-dos-cursos-de-pos-graduacao-no-brasil/>> Acesso em: 05 abr 2018.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, vol.14, n.3, p. 77-86. 2004. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a08.pdf> >. Acesso em 31 mar 2018.

HAIR JÚNIOR, J. F. *et al.* **Métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2006. 471 p.

HONORÉ, C. **Devagar**: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LACAZ, F. A. C. Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. **Universidade e Sociedade**, v. 45, p. 51-59, jan. 2010.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. 346pp.

LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 46, p. 99-109, 2006.

LIMA, S. C. C. Reconhecimento no trabalho. *In*: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. 351-356p.

LOPES, V. **Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG**. 2017. Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas_educacao,895535/pressoes-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml>. Acesso em: 02 mar 2018.

LOURENÇO, C. D. S.; FERREIRA, P. A.; BRITO, M. J. O significado do trabalho para uma executiva: a dimensão do prazer. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. COUTINHO, C. N. (trad.). São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 39-57, jun. 2005.

MALHOTRA, N. **Marketing reseach**: na applied orientation, 4. ed. Tradução autorizada a partir em língua inglesa. Publicado por Pearson Education, sob o selo Prentice, Hall Copyright, 2004.

MALSCHITZCK, N. A importância da orientação de carreira na empregabilidade. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 15, n 1, p. 150-165, jan/ jun 2012.

MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicologia**: reflexão e crítica, v. 20, n. 1, p. 74-80, jan./abr. 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, A. C. A.; OLIVEIRA, G.. **Trabalho: Fonte de Prazer e Sofrimento e as Práticas Orientais**. 2006. Disponível em: < https://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/deafa/qvaf/fadiga_cap16.pdf >. Acesso em 02 abr 2018.

MARTINS, A. V. M. HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento Docent em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **Revista O&S**, Salvador, v. 21, n 68, p. 835-852, jan/mar, 2014.

MÉIS, L. *et al.* The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, 36, 2003.

MENDES, A. M. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 1995. p. 34-38.

MENDES, A. M. Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In: **Psicodinâmica do trabalho: teoria, métodos e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a. p. 49-61.

MENDES, A. M. O diálogo psicodinâmica, ergonomia e psicometria. In: **Psicodinâmica do trabalho: teoria, métodos e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b. p. 89-110.

MENDES, A. M.; SILVA, R. R. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. **Psico-USF**, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2006.

MENDES, A. M.; FERREIRA M. C. Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. Capítulo 5. In: MENDES, A. M. (Org) **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p.111-126.

MENDES, A. M.; COSTA, V. P.; BARROS, P. C. R. Estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho bancário. **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 59-73, 2003.

MENDES, A. M. Prazer, Reconhecimento e transformação do sofrimento no trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.). **Trabalho e saúde: O sujeito entre servidão e emancipação**. Curitiba: Juruá, 2011. 13-25 p.

MENDES, A. M.; MULLER, T. C. Prazer no trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. 289-292 p.

MORAIS, F. T. **Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre a saúde mental na pós**. 2017. Disponível em: < <http://m.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1930625-suicidio-de-doutorando-da-usp-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos.shtml?mobile>>. Acesso em 29 mar 2018.

MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013.

MORATTO, J. **Exigência por produção científica está resultando em sofrimento psicológico e transtornos psiquiátricos em estudantes de doutorado**. Conectando universitários. Disponível em < <http://conectandouniversitarios.com.br/2017/04/11/exigencia-por-producao-cientifica-esta-resultando-em-sofrimento-psicologico-e-transtornos-psiquiatricos-em-estudantes-de-doutorado/>>. Acesso em 11abr 2018.

MOREIRA, Antônio Flávio. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.25,n.03. 2009. p. 23-42.

MOSCOVIVI, F. **Desenvolvimento interpessoal**: treinamento em grupo. 17 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

NASCIMENTO, L. F. Modelo Capes de avaliação: quais as consequências para o triênio 2010-2012? **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 4, n. 11, p. 579-600, 2010.

NASCIMENTO, N. M. S. **Qualidade de vida nas organizações**. 2016. 53 f. Programa de Pós graduação lato sensu. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K232395.pdf>. Acesso em: 18 jun 2018.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1. n. 3,1996.
PATRUS, R; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, nº 1, artigo 1, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2015.

PLATAFORMA SUCUPIRA. **Cursos Avaliados e Reconhecidos**. Disponível em < <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativos.jsf?cdRegiao=3&sgUf=MG> >. Acesso em 30 maio 2018.

OLETO, A.; MELO, M.; LOPES, L. M. Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da associação nacional de pós-graduação em administração (2000-2010). **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, 2013.

OLIVEIRA, E. S. G. O. Mal-estar docente como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Revista Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 27-41, 2006. Disponível em < <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/M31677.pdf> >. Acesso em: 05 abr. 2018.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 320 p.

RAMOS, A. **A Nova Ciência das Organizações**: uma reconceituação da Riqueza das Nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

ROSA, A. R. Nós e os índices: Um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, nº 4, São Paulo, 2008.

RODRIGUEZ, M. V; MARTINS, L. G. A. As políticas de privatização e interiorização do ensino superior: Massificação ou democratização da educação brasileira. **Revista de Educação**, Valinhos, v. 8, n. 8, p. 41-52, 2005.

RONCOLATO, M. A taxa de depressão entre estudantes de pós-graduação, segundo esta pesquisa. **Nexo Jornal**. Publicado em 02 abril 2018. Disponível em < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/02/A-taxa-de-depress%C3%A3o-entre-estudantes-da-p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o-segundo-esta-pesquisa> >. Acesso em 11 ago 2018.

SAMPAIO, J.J.C; HITOMI, A. H; RUIZ, E. M. Saúde e trabalho: uma abordagem do processo e jornada de trabalho. In: Codo, W; Sampaio, J. J. C. **Sofrimento psíquico nas organizações**: saúde mental e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 65-84.

SAVIANI, D. Transformações do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação. In: LOMBARDI, J. C., SAVIANI, D. e SANFELICE, J. L. **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, p. 13-26. 2002.

- SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira, D. A.; Duarte, A.; Vieira, L. (Org.). **Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010. 22 p.
- SILVA, E. L. A formação profissional do século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002
- SILVA, J. S. G. O estresse e a qualidade de vida no trabalho. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, 16., 11., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, Centro Reichiano, 2011. p. 1-6.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; S., SILVEIRA, D T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP., São Paulo, v. 23, n. 1, 2011.
- TOLEDO, D. A. C.; GUERRA, A. C. Um estudo sobre o prazer no trabalho: pensando dimensões de análise. In: Encontro Nacional da Associação dos programas de pós-graduação em administração, XXXIII, 2009, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: ANPAD, 2009. 1-12 p.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUKEY, J., MCGILL, R., LARSEN, W. Variations of box plots. **The American Statistician**, Alexandria, v. 32, n. 1, p. 12-16, fev. 1978. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2683468>>. Acesso em: 14 jul 2018.
- VALADARES, *et al.* Afinal, você trabalha? Reflexões sobre o não trabalho no ambiente da pós-graduação em Administração. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, nº 2, p. 206-233, 2014.
- VERGARA, S. C. **Gestão de pessoas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003
- VIANNA, I. O. A. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: EPU, 2001.

- VILELA, E. F. **Vivências de prazer sofrimento no trabalho docente**: um estudo em uma IES pública de Belo Horizonte – Minas Gerais. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2010.
- VILELA E.F.; GARCIA F. C.; VIEIRA A. Vivências de prazer e sofrimento do trabalho do professor universitário: um estudo de caso em uma instituição pública. XXXV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.
- ZANDONÁ, C.; CABRAL, F.; SULZBACH, C. C. Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento: um estudo bibliográfico. **Perspectiva**, Erechim. v. 38, n.144, p. 121-130, dezembro/2014.
- WEIGSDING, J. A.; BARBOSA, C. P. A influência da música no comportamento humano. **Arquivos do MUDI**, v 18, n 2, p 47-62, 2014.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Termo de Esclarecimento

Prezados profissionais, esta pesquisa compreende um levantamento de dados e informações para compor a dissertação de mestrado da discente Cristiane Chaves Caldas matriculada no Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário com o título: **PRAZER E SOFRIMENTO: um estudo de caso com pós-graduandos no Curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade de Belo Horizonte - MG**

A participação voluntária implica em compromisso de anonimato, visto que o nome do participante não será divulgado. Será feito o prévio agendamento da data e horário para a entrevista, sendo solicitada a concordância para a gravação de voz feita única e exclusivamente para captar de forma imediata o relato das opiniões emitidas.

É relevante destacar que cada participante pode desligar-se da pesquisa a qualquer momento, bastando sua manifestação verbal à mestranda sem perdas ou prejuízos a ambas as partes.

Obrigada,

Cristiane Chaves Caldas

31 98519-3041

APÊNDICE B – Questionário

1. PERFIL DO ALUNO

Por gentileza, marque a alternativa adequada ao seu caso em cada questão.

Gênero:

- a. Masculino
- b. Feminino

Faixa etária:

- a. Até 30 anos
- b. De 31 a 35 anos
- c. De 36 a 40 anos
- d. De 41 a 50 anos
- e. De 51 a 55 anos
- f. Acima de 56 anos

Estado civil:

- a. Solteiro
- b. Casado
- d. Separado/Divorciado/Desquitado
- e. Viúvo

Há quanto tempo está regularmente matriculado no mestrado:

- a. Há 6 meses
- b. De 7 a 12 meses
- d. De 13 a 18 meses
- e. Acima de 19 meses

Profissão:

2. Gentileza indicar, depois de cada frase, o número que melhor corresponde à **avaliação** que você faz do seu **dispêndio intelectual para aprendizagem e dispêndio emocional**.

1	2	3	4	5
Nada Exigido	Pouco Exigido	Mais ou menos exigido	Bastante exigido	Totalmente exigido

1	Ter controle das emoções.	1	2	3	4	5
2	Ter custo emocional.	1	2	3	4	5
3	Ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros.	1	2	3	4	5
4	Disfarçar os sentimentos.	1	2	3	4	5
5	Ser obrigado a ter bom humor.	1	2	3	4	5
6	Transgredir valores éticos.	1	2	3	4	5
7	Ser submetido a constrangimento.	1	2	3	4	5
8	Desenvolver macetes.	1	2	3	4	5
9	Ter que resolver problemas.	1	2	3	4	5
10	Ser obrigado a lidar com imprevistos.	1	2	3	4	5
11	Fazer previsão de acontecimentos.	1	2	3	4	5
12	Usar a visão de forma contínua.	1	2	3	4	5
13	Usar a memória.	1	2	3	4	5
14	Ter desafios intelectuais.	1	2	3	4	5
15	Fazer esforço mental.	1	2	3	4	5
16	Ter concentração mental.	1	2	3	4	5
17	Usar a criatividade.	1	2	3	4	5

3. Avaliando **sua postura no curso de mestrado**, atualmente, marque a frequência com que você experimenta **vivências positivas e negativas** em relação aos aspectos discriminados a seguir, tendo por base a escala abaixo.

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre

1	Liberdade com o orientador para negociar minhas demandas	1	2	3	4	5
2	Liberdade para falar durante a orientação do meu trabalho	1	2	3	4	5
3	Solidariedade com o orientador	1	2	3	4	5
4	Confiança no orientador	1	2	3	4	5
5	Liberdade para expressar minhas opiniões durante a orientação	1	2	3	4	5
6	Liberdade para usar a minha criatividade	1	2	3	4	5
7	Cooperação entre você e orientador	1	2	3	4	5
8	Satisfação com o orientador	1	2	3	4	5
9	Motivação com o orientador	1	2	3	4	5
10	Orgulho pelo seu desempenho no mestrado	1	2	3	4	5
11	Bem-estar acadêmico	1	2	3	4	5
12	Realização acadêmica	1	2	3	4	5
13	Valorização acadêmica	1	2	3	4	5
14	Reconhecimento acadêmico	1	2	3	4	5
15	Gratificação pessoal com as minhas atividades	1	2	3	4	5
16	Esgotamento emocional com o mestrado	1	2	3	4	5
17	Estresse com o mestrado	1	2	3	4	5
18	Insatisfação com o mestrado	1	2	3	4	5
19	Sobrecarga com o mestrado	1	2	3	4	5
20	Frustração com o mestrado	1	2	3	4	5
21	Insegurança com o mestrado	1	2	3	4	5
22	Medo com o mestrado	1	2	3	4	5
23	Falta de reconhecimento do meu esforço	1	2	3	4	5
24	Falta de reconhecimento do meu desempenho	1	2	3	4	5
25	Desvalorização no mestrado	1	2	3	4	5
26	Indignação no mestrado	1	2	3	4	5
27	Inutilidade no mestrado	1	2	3	4	5
28	Desqualificação no mestrado	1	2	3	4	5
29	Injustiça no mestrado	1	2	3	4	5
30	Discriminação no mestrado	1	2	3	4	5

4. Os itens a seguir tratam dos tipos de problemas físicos, psicológicos e sociais que geralmente são causados durante a formação no mestrado. Marque o número que melhor corresponde à **frequência com que eles estão presentes na sua atividade** como aluno, tomando por base a escala abaixo.

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

1	Dores no corpo	1	2	3	4	5
2	Dores nos braços	1	2	3	4	5
3	Dor de cabeça	1	2	3	4	5
4	Distúrbios respiratórios	1	2	3	4	5
5	Distúrbios digestivos	1	2	3	4	5
6	Dores nas costas	1	2	3	4	5
7	Distúrbios auditivos	1	2	3	4	5
8	Alterações do apetite	1	2	3	4	5
9	Distúrbios na visão	1	2	3	4	5
10	Alterações do sono	1	2	3	4	5
11	Dores nas pernas	1	2	3	4	5
12	Distúrbios circulatórios	1	2	3	4	5
13	Insensibilidade em relação aos colegas	1	2	3	4	5
14	Vontade de ficar sozinho	1	2	3	4	5
15	Conflitos nas relações familiares	1	2	3	4	5
16	Agressividade com os outros	1	2	3	4	5
17	Dificuldade com os amigos	1	2	3	4	5
18	Impaciência com as pessoas em geral	1	2	3	4	5
19	Amargura	1	2	3	4	5
20	Sensação de vazio	1	2	3	4	5
21	Sentimento de desamparo	1	2	3	4	5
22	Mau-humor	1	2	3	4	5
23	Vontade de desistir de tudo	1	2	3	4	5
24	Tristeza	1	2	3	4	5
25	Irritação com tudo	1	2	3	4	5
26	Sensação de abandono	1	2	3	4	5
28	Dúvida sobre a capacidade de fazer tarefas	1	2	3	4	5
28	Solidão	1	2	3	4	5

Adaptado de MENDES; FERREIRA, 2007.

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista

Por que você escolheu fazer o Mestrado Acadêmico em Administração?

Quais são as expectativas com o curso?

Qual foi o sentimento quando soube da aprovação no processo seletivo?

Qual o seu ritmo de compromisso com a formação no mestrado?

Quais características são mais relevantes desse compromisso?

Quais os esforços e desafios encontrados ao longo do curso?

Quais os imprevistos surgiram para esta formação?

Quais os sentimentos de prazer são despertados com o curso?

O fator valorização e reconhecimento são percebidos nessa trajetória do mestrado?
Como você percebe isso?

Percebe uma gratificação pessoal com as tarefas que você desempenha? De que forma?

Percebe um dispêndio no uso da criatividade, da memória, no esforço mental para sua aprendizagem? Como?

Sente necessidade dos desafios intelectuais para sua formação? Como percebe isso?

Como é o relacionamento com seus colegas?

E como seus professores?

Como é o relacionamento com seu orientador?

Percebe confiança neste relacionamento? De que modo?

De que modo percebe liberdade para expressar sua criatividade, suas opiniões?

Em algum momento sente insegurança ou alguma frustração para sua formação?
Fale um pouco sobre isso?

Como você percebe o nível de exigência das disciplinas ministradas?

Como você percebe a produção acadêmica imposta pelas disciplinas? A produção dos artigos são realmente necessárias?

Como é o seu tempo para a dedicação a sua formação acadêmica?

Escreve com facilidade? Comente?

Existe cooperação, confiança nos colegas no curso? Como percebe isso?

De que forma percebe a falta de reconhecimento ou a desvalorização pelo não reconhecimento dos esforços diante das suas atividades?

Que sentimento de sofrimento está sendo despertado ao longo do curso? Fale um pouco sobre isso.

Em algum momento se sentiu pressionado para a execução das suas tarefas? De que modo?

Como você percebe o seu relacionamento com seus familiares depois que iniciou o curso? Em que mudou?

E com seus amigos? Percebe alguma mudança nas relações sociais?

Como o mestrado tem afetado a sua saúde? Adoeceu?

Quais as inseguranças você vivencia atualmente no mestrado?

Em algum momento teve vontade de abandonar tudo? Comente?

Apesar de conviver com sentimentos que remetem ao sofrimento (esgotamento profissional, danos físicos, falta de reconhecimento) ainda consegue vivenciar prazer na formação do mestrado?

Você considera que a cooperação, a solidariedade entre colegas são necessárias para a modificação nas situações que geram sofrimento? De que forma isso pode ser feito?

Que estratégia utiliza para manter o equilíbrio psíquico nas atividades acadêmicas?

Quando você se depara com uma situação no mestrado que te pressiona e que te faz sofrer, o que você faz para lidar com esse tipo de situação?

Você percebe que a finalização do curso trará mais uma promoção profissional ou uma promoção pessoal? Fale um pouco sobre isso.

Você faria novamente o mesmo percurso até chegar onde está?

Há algo mais que queira acrescentar?